18575

BIBLIOTHECA BRANCA

*Maria Paula de Azevêdo*

# BRIANDA

(NOVELLA HISTORICA)

L.
5

Lc
1857 5

# BRIANDA

## DA AUCTORA

*A historia de Jesus contada às creanças.*
*Portugal para os pequeninos.*
*Quatro raparigas* (adaptação).
*Alguns annos depois* (idem).
*Brianda* (Bibliotheca Branca).

NO PRÉLO:

*O collegio da Ameixoeira* (adaptação).
*As aventuras de Zé Pitosga* (Bibliotheca Branca).

EM PREPARAÇÃO:

*Alvoradas* (Bibliotheca Branca).

DEP. LEG.

*Maria Paula de Azevêdo*

14. Jh 922
Walguer

# BRIANDA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 82351

(NOVELLA HISTORICA)

PORTVGALIA
EDITORA
73, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1922

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA

# UMA VISITA NOCTURNA

Apesar de ser já tarde, em casa de mestre Fernão Henriques, algibébe muito bem afreguezado do bairro de S. Domingos, havia ainda luz.

Mestre Fernão trabalhava até tarde quasi todas as noites, e a sr.ª Mafalda, mulher d'elle, costumava ajudal-o nas costuras, seroando assim os dois até depois da meia noite.

— P'ra quem é este gibão? — interrogou a sr.ª Mafalda com curiosidade.

— P'ra mim não é — respondeu mestre Fernão.

— Ora pois! Como se eu não advinhasse já que é p'ra o freguez novo, que aqui veiu ha dias! Diz lá que não, se és capaz?

— Cala-te, bôcca! Que para curiosas não tenho eu paciencia.

— Porque m'o não dizes? — insistiu a sr.ª Mafalda, novamente. — E' p'ra o das barbas?

— Qual!

— E' para o conde?

— Louvado seja Deus, olha que és mais curiosa que eu sei lá! Pois fica sabendo que é para o freguez novo que aqui veiu ha dias. E agora?

— Bem m'o dizia o coração. Pois queres saber uma coisa, homem de Deus? Não me apraz a cara d'elle; tem assim a modo um olhar de lado que parece o démo disfarçado. Cruzes! — e a sr.ª Mafalda benzeu-se.

Mestre Fernão encolheu os hombros e continuou a trabalhar, com a bocca cheia de linhas.

— Sabes o que me disse hontem a tia Bernarda? que isto não está bom, homem; que anda coisa no ar; que o démo arma-as bem! e que se a gente se não acautela, está aqui está a pedir pão ás alminhas!

— Só lhes gabo a paciencia — resmungou o algibébe. — Lá p'ra tagarellar está a tia Bernarda sempre prestes.

— Pois sabei que não é só ella — exclamou a sr.ª Mafalda, levantando-se, excitada — quereis ouvir o que me disse o cego cantador hontem ás Trindades?

— Dize, se queres, que eu tanto se me dá ouvir como não.

— Pois has-de ouvir, e sempre te digo uma coisa, meu homem: os cegos não teem a vista dos olhos, não, mas teem a da alma e vêem longe!

— Então que viu o cego?

— Viu coisa no ar, como a tia Bernarda; e poz-se a cantar uns lamentos, umas tristezas, que eram mesmo de chorar. N'isto, chegou-se-lhe a nossa Brianda

e deu-lhe o quartinho de pão; elle pegou-lhe na mão e disse assim:

«Nossa Senhora te proteja, moça, te livre do mal e te deixe gosar o bem...»

— E isso o que tem?

— Eu larguei a prantear...

— Não sei porquê, mulher. Anda, posponta-me lá essa costura e deixa-te de pensares tolos.

A sr.ª Mafalda suspirou, sentou-se e pegou na costura sem dizer mais nada.

Uma forte pancada na porta da rua veiu interromper o serão dos conjuges.

Mestre Fernão levantou-se, destrancou a velha porta e perguntou, antes de abrir:

— Quem sois? que quereis?

Uma voz de homem respondeu da rua:

— Abri, mestre Fernão: é um freguez vosso que vos quer falar.

— Não abras, homem, que a esta hora não é gente de bem — aconselhou a sr.ª Mafalda.

O algibébe abriu com cuidado e um homem de alta estatura, rosto sympathico e intelligente, entrou devagar.

— Queria falar-vos, mestre — disse o recemchegado, olhando para a sr.ª Mafalda.

— Mulher, ide-vos deitar, que é mistér ficarmos sós — ordenou o algibébe, gravemente.

A sr.ª Mafalda ficou descontente; mas retirou-se para o quarto de traz, com a firme tenção de escutar á porta.

Comtudo, o marido previu esse caso; depois d'ella sahir, fechou a porta no ferrôlho e levou o seu companheiro para uma pequena alcôva que havia ao lado do quarto onde estavam, e que dependia d'esse mesmo quarto.

— Podeis falar á vontade, sr. dr. João Pinto Ribeiro...

— Não digaes o meu nome, mestre Fernão: para quê? As paredes teem ouvidos, bem o sabeis — disse o outro.

— O vosso gibão está em bom caminho — continuou o algibébe — e minha mulher ainda não deu pelas algibeiras secretas: ali póde Vossa Senhoria metter todos os papeis que queira; desafio seja quem fôr a dar com elles.

— Bem — volveu o outro — Mas não é para vos falar d'isso que vim a esta hora procurar-vos. A'manhã devem reunir-se alguns dos nossos onde vós sabeis. Sei, porém, que entre elles se occulta um traidor! Um homem afiliado ao odioso Miguel de Vasconcellos!

— Um portuguez?! — perguntou o algibébe, com sincero espanto.

— Não! — exclamou o outro — um castelhano ao serviço d'elle, que se intitulou D. José de Abreu e se mostra muito exaltado e patriota.

— Mas na fala não perceberam que o homem é hespanhol?!

— Fala o portuguez tão bem como nós...

— E tendes a certeza?...

— Completa. Esse infame Miguel de Vasconcellos é o mais vil dos traidores á Patria! E paga a castelhanos para que sejam os delátores e os espiões dos seus irmãos d'elle!

— E que quereis de mim, senhor?

— Ouvi. A'manhã é, a bem dizer, a primeira reunião importante. E' mistér que esse hespanhol não vá; que seja apanhado, amordaçado e mesmo...

— Morto?! — articulou mestre Fernão, baixinho.

— Só em ultimo caso — respondeu o outro — Bem sabeis que não querêmos sangue; queremos apenas livrar, emfim, a nossa Pátria do jugo do extrangeiro.

— Ah, aqueles hespanhoes... — murmurou Fernão, raivoso.

— Não se trata de serem hespanhoes — retorquiu o outro com força. — E' o *extrangeiro* que nos opprime, e nós, portuguezes, nunca fomos escravos de ninguem. A nossa Patria sempre foi livre, Fernão! e livre a queremos sempre.

— Mas como reconhecerei eu o hespanhol?

— Ahi está a dificuldade; mas sabendo que elle se intitula D. José de Abreu, não é isso mais facil?

O algibébe meditou alguns segundos.

— Descançae, descançae, que ora me lembro d'uma coisa — disse elle de repente.— Parece-me que conseguirei o que desejaes. Ide em socego, que eu tenho uma ideia!

—Deus seja comvosco, Fernão—disse o outro, abrindo a porta da rua e desaparecendo na noite escura.

# PLANOS

Na manhã seguinte, ainda nem tangiam os sinos para a missa das almas quando mestre Fernão se levantou.

Todos dormiam; o socego era completo.

Fernão vestiu-se e sahiu.

— Olá, mestre Fernão — disse-lhe uma velha embiucada, que se dirigia para a egreja da Conceição. Quão cedo vos mettêstes ao frio da rua! — acrescentou, com malicia cheia de curiosidade.

— Pois assim é, tia Bernarda — retorquiu o algibébe — e a vós direi eu eguaes palavras!

— Ora, eu cá, vou-me chegando á casa do Senhor, que é o meu abrigo mais querido — respondeu a tia Bernarda — mas julgo que me não accompanhaes...

— Pois eis o vosso engano, tiasinha, que para a Conceição me dirijo, a ouvir a missa das almas: é promessa — e, com isto, mestre Fernão caminhou ao lado da beata.

Entraram na egreja e pouco depois começou a

missa. O algibébe queria escapar á observação da velha : mas era quasi impossivel, pois a tia Bernarda collocara-se perto da porta, e para sahir teria Fernão de passar deante d'ella. Se sahisse antes do fim a tia Bernarda não deixaria de perceber que a entrada na Conceição era pretexto para a desnortear.

Ficou, então, até depois do ultimo Evangelho. Mas, apenas o padre desceu do altar, o algibébe sahiu depressa e conseguiu virar a esquina da rua antes que a tia Bernarda o enxergasse.

— Julguei que o démo da beata já me não largava mais — resmungou elle, de si para si, afastando-se a passos rapidos para os lados de Alfama.

Parou deante d'um palacio antigo e levantou a pezada aldraba, que bateu com força na chapa de ferro forjado. Depois d'um bocado, um velho escudeiro, ainda a enfiar as mangas do casaco, entreabriu a porta e perguntou, desconfiado:

— Que quereis a estas horas, mestre Fernão ?

— E' coisa séria, sr. Diniz ; tenho de falar a vosso amo.

— Estaes brincando. Meus amos estão recolhidos ainda, não irei chamal-os por vossa causa.

— Ide, sr. Diniz, ide, que não vos arrependereis ; é mistér que eu fale já ao sr. D. Alvaro.

— Asseguraes-me que é caso para ir accordar meu amo ? — perguntou Diniz, ainda desconfiado.

— Ide, ide — pediu Fernão ; e o escudeiro desappareceu, depois de mandar entrar o algibébe, e de fechar, cuidadosamente, a velha porta chapeada de

ferro. D'ahi a uns minutos, Diniz veiu buscal-o e levou-o para uma sala mobilada com ricos moveis da epoca.

— Senhor D. Alvaro — disse Fernão, correndo, quasi, ao encontro d'um homem alto, de farta barba preta, que entrava pelo lado opposto.

— Que me queres tão de madrugada, Fernão? Sabes que vieste acordar tambem a tua comadre?

— Vossas Senhorias me desculparão, quando eu explicar a que vim, sr. D. Alvaro. Dizei-me, não se chama D. José de Abreu o homem que está caçando com vosso filho D. Duarte, nas terras de Montemór?

— E que t'importa o nome do amigo de meu filho? — perguntou, zangado, D. Alvaro.

— Sr. D. Alvaro — disse o algibébe com força — esse homem a quem entregaes vosso filho, a quem destes a vossa confiança, é...

— E' um fidalgo portuguez, ainda primo dos meus primos do Algarve, mestre Fernão Henriques — interrompeu D. Alvaro, severamente.

— Assim o julgaes, meu senhor; assim o não é, podeis crêr-me. D. José de Abreu não é portuguez, sequer: é um espião ao serviço de Miguel de Vasconcellos.

— Que dizes! — exclamou D. Alvaro, indignado e afflicto — Sabes que elle é um dos que nos accompanha nas reuniões?

— Sei, meu senhor; e por isso aqui vim. Não é esta noite que vosso filho vem com elle de Monte-mór?

— E', sim; e devemos ir todos a uma importante reunião dos nossos. E', pois, mistér impedir esse traidor de ir tambem. Felizmente, só foi a duas reuniões e n'essas nada se fixou; nem sequer ainda os nomes dos conjurados.

— Louvado Deus!

— E' preciso, agora, achar um meio de o impedir de ir hoje; sem que, porém, elle desconfie...

— Não podereis dizer-me, meu senhor, se elle tem alguma namorada que pudesse escrever-lhe a chamal-o?

— Namorada, não sei; só sei que o biltre ousou levantar os olhos para a minha Ignez! e que eu...

— Vós lh'a promettestes, talvez?

— Isso mesmo, Fernão. Julgando prometter a minha filha ao fidalgo dos Algarves, ao senhor da casa de Alfins, ao primo dos meus primos Abreus, ia dal-a ao espião de Miguel de Vasconcellos! Graças, meu Deus, que tamanha desventura me fosse poupada!

— Não ha nada perdido, sr. D. Alvaro. E' mistér, porém, que vossa filha escreva umas palavras a esse homem...

— Nunca — bradou D. Alvaro.

— Pela Patria, meu senhor! Pensae só na gravidade d'estes factos e na maneira de poder evital-os.

— Mas que se prenda esse biltre! Que o agarrem, que o amarrem solidamente...

— Quereis, pois, que se agglomere povo? Que accorram os quadrilheiros aos gritos do miseravel? Que se levante o veu que ainda, tão milagrosamente, en-

cobre dos hespanhoes as reuniões dos conjurados? Não, sr. D. Alvaro, não é esse o caminho a seguir. Tenho pensado muito desde hontem, crêde-me; e julgo que o meu plano não é mau. Ouvi, pois, meu senhor: vossa filha deverá escrever umas linhas a esse homem; apenas para que lhe reconheça a lettra.

— E quem levará o bilhete? Metterêmos mais alguem n'este segredo? Vós sois tão conhecido, Fernão...

— Minha filha Brianda, meu senhor, que com os seus dezeseis annos passa despercebida por toda a parte; ella levará o bilhete.

— Quanto á discrição, confio n'ella tambem; mas como reconhecerá tua filha o homem, visto que elle entrará embuçado?

— Chegar-se-ha ao pé de cada um, perguntando baixinho: Sois vós D. José de Abreu?

— E se elle desconfiar?

— A lettra de vossa filha lhe restituirá a confiança.

— E para onde o conduzirá Brianda?

— Para minha casa, onde saberei guardal-o bem até de madrugada.

— E depois?...

— Depois?... Será o que Deus quizer, meu senhor.

— O teu plano é bom, Fernão; a minha filha escreverá umas linhas a esse homem.

— E', porém, melhor que lhe não digaes ainda quem é o falso D. José. Dizei-lhe apenas que seu

noivo corre perigo de vida, e olhae que bem verdade falareis!

— Se este bilhete deverá ser levado á noitinha, perto da hora em que se reunem os conjurados, nada lhe digo por emquanto, pobre Ignez... Em que mortal inquietação ella passaria o dia se tal lhe dissesse agora!

— E' certo, meu senhor. E quereria talvez saber a origem d'essas novas e maiores minucias que Vossa Mercê não poderá dizer-lhe sem a esclarecer completamente sobre a torpe creatura. Que o bilhete seja, pois, escripto á noitinha, meu senhor: Brianda vem hoje costurar junto á minha comadre e vós proporeis, como ideia do momento, que seja ella a portadora do bilhete da senhora Dona Ignez.

— Fernão, minha mulher deverá saber tudo o que se passa; vou, não só informal-a, como pedir o seu bom conselho.

— Meu senhor, fazei excepção d'esta vez; lembrae vos que um coração de mãe não terá forças para enganar a sua filha innocente!

— E' a primeira vez que escondo os meus actos e pensamentos de minha esposa; agoiro mal do meu proceder.

— Fazei-o para bem d'este emprehendimento, sr. D. Alvaro; a sr.ª D. Filipa será depois a primeira a perdoar-vos tamanha falta, crêde-me.

— A que vaes agora?

— Volto para o meu trabalho, para que a Mafalda nada perceba.

— E ninguem te encontrou na rua?

— Por mal dos meus peccados, uma beata nossa visinha; mas fui á missa com ella, dizendo-lhe que era promessa.

— Está bem, Fernão; então, vae-te com Deus.

O algibébe sahiu depressa. As ruas começavam agora a animar-se.

Surgiam as vendedeiras d'arroz e de chicharos, com grandes panellas á cabeça, cobertas de pannos branquissimos; outras, com ameixas cozidas, almoço muito querido do povo; ainda outras apregoando sardinhas sem sal, uma melopeia que echoava pelas estreitas ruas d'Alfama. Quasi todas se dirigiam ao Rocio, onde era, n'esse tempo, o grande mercado de Lisboa.

Quando Fernão entrou em casa, viu a mulher, meio accordada já, ainda na cama.

— Estás a pé, homem de Deus?! — perguntou a sr.ª Mafalda, bocejando.

— Pois então? e fui ouvir a missinha das almas á Conceição.

— P'ra o que lhe deu hoje...—commentou a sr.ª Mafalda.

— Ah, julgaes que as promessas só vos são permitidas a vós? — exclamou Fernão. — Pois ha mais quem as faça e as saiba cumprir.

— Se é isso — resmungou a mulher — já aqui não está quem falou.

O algibébe installára-se a trabalhar; e pouco depois entrou no quarto a gentil Brianda, mocinha morena e galante, com uma grande doçura nos olhos castanhos.

— Vossa benção, meu pae — disse ella, chegando-se a Fernão.

— Deus te salve, menina — foi a resposta carinhosa do pae, que se enlevava n'ella.

A sr.ª Mafalda arranjava o almoço, emquanto Brianda dava uma limpeza á casa, arrumando as cadeiras e os escabellos.

— Não é hoje o dia d'ires costurar para casa da tua madrinha, moça? — perguntou Fernão.

— E', sim, meu pae; mas a sr.ª D. Ignez disse-me que antes me queria lá amanhã, de modo que talvez vá hoje para casa das sr.ªs Pintos.

— Não; se tua madrinha te espera hoje, irás hoje.

— Mas a sr.ª D. Ignez...

— Já disse o que tinha a dizer; vaes para casa da tua madrinha costurar — replicou Fernão, gravemente. Brianda calou-se; e depois do almoço seguiu pelas ruas tortuosas até Alfama.

# BRIANDA

Apenas chegou á velha casa de seus padrinhos, Brianda, costumada a ir ali desde pequenina, encaminhou-se para os quartos de Ignez.

A amizade que unia as duas raparigas era infinita. Da parte d'Ignez essa amizade era protectora como a de uma irmã mais velha e mais sensata; Brianda, porém, adorava-a com uma verdadeira paixão, capaz de ir até ao sacrificio. Não era Ignez quasi a sua irmã de leite, visto que fôra creada pela sua propria mãe?

Brianda nascera dois annos depois, é verdade; comtudo, a mesma ama as creára e esse facto ligava-as mais ainda.

— Então sempre vieste hoje, Brisinha? — perguntou Ignez, loira e linda nas suas vestes simples da manhã, beijando a rapariga com affecto.

— Foi o meu pae que assim o ordenou, senhora D. Ignez — respondeu Brianda, com um gesto de amúo.

— Não tem nada, filha; sabes o melhor? E' vires hoje e amanhã!

— Que bom! E a minha Madrinha não se enfadará?

— Vamos já pedir-lhe, Bri! — e as duas correram, ligeiras, até aos aposentos de D. Filipa.

— A sua benção, minha Madrinha — disse Brianda beijando respeitosamente a mão de D. Filipa.

— Deus seja comtigo, pequena. Lá tens na roupa-ria a tua costura, entregue á Vicencia; vê se trabalhas bem e aproveitas o tempo.

— Minha Mãe — acudiu Ignez — daes licença que a Brianda venha para cá amanhã? Queria pedir-vos isso com empenho, minha Mãesinha.

— E qual é a vossa ideia? — perguntou a mãe, sorrindo, indulgente, para ambas.

— Eu vos explico — respondeu Ignez. — Amanhã, minha Mãe, é o dia em que a Brites Maria cá vem; e como vós a convidastes a passar a tarde toda comnôsco...

— Queriam juntar-se as tres amigas, não? — interrompeu D. Filipa, olhando para Brianda.

— Sim, minha Madrinha, se Vossa Senhoria assim o entender — disse Brianda, modestamente.

— Está bem, meninas; seja como vós o desejaes. E agora ide aos vossos trabalhos, filhas, ide, e deixae-me escrever umas cartas importantes.

Seguiram as duas para a rouparia, alegres e despreoccupadas. Ahi se sentaram ambas; Ignez n'uma cadeira de couro, Brianda n'um banquinho baixo, junto á janella.

Ignez fazia confidencias, falava do seu noivo, tão nobre e valoroso; Brianda escutava com attenção e interesse, e o seu coração, impetuoso, abria-se já á amizade pelo noivo da sua amiga. Era quasi noite, e tinham todos merendado, quando D. Alvaro entrou precipitadamente no quarto de Ignez.

— Ignez, minha filha, onde estás?

— A sr.ª D. Ignez está bordando na rouparia — informou a aia.

— Ide chamal-a, Maria Joanna, e dizei-lhe que a espero aqui.

Ignez correu ao encontro de seu pae, mas, vendo o seu semblante triste e grave, parou a meio do quarto.

— Que ha, meu Pae? — articulou ella, baixinho.

— Ha, minha filha, coisas da maior gravidade. Teu irmão e teu noivo chegam dentro de uma hora; e dentro de uma hora teu noivo correrá perigo de vida. E' mister que umas linhas tuas o impeçam d'ir aonde elle vae...

— Que dizeis?! José! Duarte! — exclamou Ignez, afflicta e chorosa.

— Não percas tempo, Ignez; escreve uma linha que seja, minha filha.

— Escrevo, escrevo já...

Recuperára o sangue frio; e preparava-se para escrever, quando D. Alvaro lhe perguntou docemente, com melancolia:

— Ámal-o muito, minha filha?

Ignez não poude responder; olhou para seu pae e os olhos encheram-se de lagrimas.

— Que devo escrever? — perguntou ella.

— Pouco, minha filha; apenas uma linha que o desvie do caminho que leva...

— E tendes a certeza de que não vos informaram mal, e de que o José corre perigo?

— Ignez, affirmo-te que o teu noivo corre perigo de morte...

— E que o meu bilhete o salvará?

— O futuro a Deus pertence, minha filha.

— Poderia eu pedir-lhe que viesse aqui falar-me?

— Pódes.

— E quem levará este bilhete? Onde terá o portador d'encontrar o José?

— E' mistér que tudo seja feito sem barulho, quasi em segredo. Dize-me, filha, a Brianda está cá?

— Sim, meu pae.

— Ella levará o bilhete.

— Brianda?!

— Não confias tu n'ella?

— Como n'uma irmã. Vêde, meu pae, o que eu escrevo: «José, correis perigo, vinde já falar-me». Está bem?

— Muito bem. Agora chama a Brianda, para que eu lhe explique como terá de proceder.

Quando soube a importancia da sua missão, Brianda sentiu-se contente; que felicidade, poder dedicar-se á sua Ignez adorada!

— Ouve, Brianda — disse D. Alvaro, gravemente

— é preciso que ninguem te siga, que ninguem te veja, que ninguem te oiça.

— Sim, meu padrinho.

— Terás de entrar, sem ninguem dar por ti, no pateo da casa que eu te vou dizer. — E D. Alvaro segredou-lhe um nome.

— E depois, meu padrinho?

— Sentas-te no degrau da porta d'entrada; e de cada vez que passar um homem embuçado tu perguntas baixinho: «Sois vós D. José de Abreu?»

— E quando fôr elle?

— Entregas-lhe a carta que levas.

— E depois? Ella conduzil-o-ha aqui meu pae? — interrompeu Ignez, anciosa.

— Não, filha. Elle seguirá Brianda para casa de mestre Fernão Henriques.

— Mas eu escrevi-lhe que viesse falar-me! Têl-o. hei, pois, enganado?!

— Vosso pae sabe o que faz, Ignez; Brianda, ide com Deus.

Ignez curvou a cabeça e Brianda, embrulhando-se n'um manto preto, sahiu. Sua mãe, vindo habitualmente buscal-a á noitinha, estranharia por certo se a não encontrasse; mas uma ordem de seu padrinho não se discutia. E visto que era para casa de seus paes que conduziria o noivo de Ignez, é porque elles saberiam d'isso.

Seguia pois, ligeira, pelas ruas tenebrosas da Lisbôa d'esse tempo.

Não tinha medo.

Desde muito creança que conhecia aquellas viellas escuras e tortuosas: cada nicho de santo, com sua lampada acesa, cada imagem d'azulejo, incrustada nas velhas paredes, lhe eram familiares.

Tinha maior devoção por umas do que por outras; e, quando passava, óra se benzia simplesmente, se era imagem menos querida, ora se ajoelhava, murmurando compridas orações.

Ao virar a esquina da rua do Pocinho, parou um momento; e deante d'um azulejo que representava S. José, e que mais advinhava do que via, rezou baixinho, depois de se benzer:

Oração de S. José e mais da Virgem Maria:
Tanto caminhaes de noite como caminhaes de dia.

S. José foi buscar lume [1]
N'esta terra não havia;
Foi ás ruas de Belem
Toda a gente inda dormia;
Encontrou o Padre Santo
Dizendo a Avé-Maria.
Padre Santo perguntou:
«Como ficou por lá Maria?»

«Maria ficou bem
Em calix d'ouro mettida.
O sangue d'ella corre
Para o calix consagrado
Todo o homem que o beber
Será bemaventurado
No mundo será rei
No céu será c'roado».

[1] Tradição oral da Beira Baixa.

Benzeu-se novamente, e, apressada, seguiu o seu caminho.

Chegou, emfim, á casa que D. Alvaro lhe indicara; velho palacio, onde, n'aquella noite, se reuniam os conjurados.

Sentou-se no degrau e esperou pacientemente.

Viu entrar um grupo de quatro homens: ergueu-se e murmurou:

— D. José d'Abreu! D. José d'Abreu! — mas os homens seguiram, indifferentes.

Aproximavam-se agora outros dois.

Pareceu-lhe reconhecer n'um d'elles a figura de D. Duarte, joven irmão de Ignez.

Levantou-se depressa, quasi ao encontro dos dois, e, perguntou, offegante:

— D. José d'Abreu, sois vós?

O homem parou, desconfiado e descontente.

— Passae; é alguma cigana a pedir — disse o outro, que era realmente D. Duarte, e que não reconhecêra Brianda.

— Lêde, lêde esta carta! — supplicou Brianda, baixinho — vereis que é lettra da sr.ª D. Ignez de Menêzes!

Ao ouvir o nome da irmã e da noiva, os dois homens pararam; e, lendo o bilhete d'Ignez, o falso D. José disse a D. Duarte:

— Segui o vosso caminho, que eu lá irei ter; e tu, moça, acompanha-me a casa de quem te mandou.

— Ordenaram-me que vos guiasse até casa de Mestre Fernão Henriques, meu pae.

— Visto que é para falar a tua ama, irei.

A casa do algibébe não era longe. O noivo d'Ignez seguia apressado; mas, quando chegaram á porta de Mestre Fernão, hesitou:

— Se fôsse cilada... — pensou elle.

Não teve tempo para maiores cogitações: a porta abriu-se de dentro e dois braços vigorosos puxaram e empurraram o falso português para um quarto sem janella, nas trazeiras da casa.

Sentiu que o amordaçavam e prendiam, e que alguem trancava solidamente a porta. Depois, tudo cahiu n'um silencio pesado...

Brianda assistia, muda de espanto e de terror, a esta rapida scena.

— Que queria isto dizer? — pensava ella. — Seriam estas as ordens do padrinho?! Ignez saberia que o noivo tinha sido tratado assim?!

A sr.ª Mafalda dormitava n'um canto; nada ouvira.

E, como o marido a prevenira que haviam de vir trazer Brianda a casa, estava descançada.

Mestre Fernão aproximou-se da filha e disse-lhe, baixinho:

— E's capaz de guardar um segredo, Brianda?

— Sou, meu Pae.

— Olha; só te digo isto: trata-se da honra da tua menina e da liberdade da nossa Patria.

— Mas o noivo d'ella?...

— E' um traidor.

— Ella ama-o! Como póde elle ser traidor?

— E' um traidor, não ouviste?

— Mas se ella o ama, meu Pae, não é isso possivel!

— Basta. Aquelle homem merece a morte; mas como não somos assassinos, irá para um carcere d'onde nunca mais sahirá.

— Meu Pae!

— A sr.ª D. Ignez ignora, já se vê, que o seu noivo é um traidor, um espião, um vil...

— Meu Pae!

— Vai-te deitar: amanhã estará livre o quarto das trazeiras, pois, esta madrugada mesmo, o traidor será levado para o carcere.

Brianda chorava baixinho, sem esperança de commover o pae.

Sentia um desejo immenso de salvar o noivo d'Ignez; um desejo heroico de se sacrificar, de correr perigos, de arriscar a vida pela sua Ignez.

Que lhe importava dizerem que o homem era traidor? para ella, o homem que Ignez amava, o escolhido do seu nobre coração, não podia ser senão nobre e bom tambem.

Com apparente serenidade deu as boas noites aos paes, e subiu para a sua camara, situada na aguafurtada, sobre o quarto onde o hespanhol jazia, amordaçado e com as mãos atadas.

Se pudesse acudir-lhe!

Mas como?

Passaram horas; e Brianda pensava... pensava...

Levantou-se, de subito, cheia de coragem.

Desceu a escada de mansinho e entrou, pé ante pé, na camara dos paes.

Aproximou se do alto leito onde dormiam, e para o qual se subia por um pequeno escadote collocado ao lado.

A lamparina do oratorio allumiava-a e Brianda ia depressa, receiando que amanhecêsse antes de poder realizar o seu plano temerário.

Procurou a chave da porta trancada; mas Mestre Fernão, na sua extrema prudencia, collocara-a debaixo do travesseiro. Como era possivel tirar-lh'a?

Brianda avançou para o leito e espreitou debaixo do travesseiro...

Oh! felicidade! A ponta negra da grande chave apparecia na borda do colchão; puxou de leve.

Mas o algibébe, atravez do seu somno, sentiu o timido puxão, e mexeu-se, inquieto.

Brianda ajoelhou e ficou immovel, um bocado.

Quando ouviu o resonar sonoro dos paes, fez nova tentativa, conseguindo tirar a chave até meio; d'esta vez o algibébe, impaciente, virou-se com precipitação e a chave teria cahido no chão ruidosamente, se Brianda a não tivesse agarrado depressa, juntando as mãos n'uma prece muda de acção de graças.

Quasi de rastos, com medo que a vissem, sahiu da camara e dirigiu-se ao quarto do preso.

A chave pouco rangia e os paes poderiam não a ouvir; mas a tranca?

No silencio da noite todos os ruidos se avolumavam tanto...

A pobre Brianda começou a difficil operação, vagarosa pelas precauções que tinha de tomar.

Durante uma longa hora ali esteve a dedicada creança; até que, emfim, com um fundo suspiro de allivio, conseguiu abrir a porta da prisão.

A principio julgou que o hespanhol morrêra; porém, approximando-se d'elle, sentiu palpitar-lhe o coração.

Começou por tirar-lhe a mordaça e murmurou:

— Venho salvar-vos...

Mas o homem, respirando ruidosamente, não respondeu.

— Sr. D. José d'Abreu, venho salvar-vos...

Então o hespanhol exclamou, irritado:

— Ah! és tu? Foste tu que me armaste a cilada, moça do inferno!

— Não fui eu, senhor, não fui! Olhae, que não ha tempo para explicar, crêde-me! Se quereis que vos salve, vós, o noivo da minha Ignez, vinde depressa commigo, que eu roubei a chave de vosso carcere ao meu Pae, e elle vae dar por isso... Deixae que vos desamarre, não digaes nada, segui-me depressa, vinde!

Emquanto segredava estas phrases ao prisioneiro, Brianda, febrilmente, tentava desatar os nós que o prendiam; mas as forças faltavam ás suas debeis mãos e o tempo passava rapidamente.

— Vou buscar a tesoura grande de meu Pae, esperae me... — e correu, trazendo a enorme tesoura com que o algibébe talhava os gibões.

— Emfim... — suspirou o hespanhol, sentindo-se livre.

Brianda pegou-lhe na mão e levou-o com cuidado para que elle não tropeçasse n'algum movel

Abriu a larga porta do quintal, mas, quando transpunham o limiar, a porta rangeu nos gonzos e Brianda ouviu, com pavor, a voz do pae, gritando:

— Quem anda ahi ? Quem abriu essa porta ? Eu vos digo já quem é Mestre Fernão Henriques! — e o algibébe ergueu-se depressa, julgando apanhar algum ladrão.

Brianda e o hespanhol, já no jardim, sentiram-n'o vir a correr.

— Não ha tempo de vos ensinar o caminho para a rua, meu Deus ! — segredou Brianda afflicta — ide ao canto da esquerda, ide depressa; há lá um poço vazio, deixae-vos escorregar para baixo pela corda, elle não é muito fundo. E eu irei ámanhã dar-vos de comer e ajudar-vos a fugir... Ide, que meu Pae vem aqui já !

O hespanhol sumiu-se na noite escura; e Brianda, enchendo-se de coragem, chamou de rijo:

— Meu Pae, sois vós que ahi andaes ?

— Brianda — bradou, zangado, mestre Fernão chegando-se á ella — que fazeis a esta hora no quintal ? Porque não estaes recolhida na vossa camara ? — e Fernão sacudia a filha com força.

— Ouvi andar no quintal, desci depressa a ver o que era — respondeu Brianda.

— Extranha ideia essa — volveu o pae — Ide dei-

tar-vos já, que a madrugada ainda vem longe. — E Mestre Fernão, depois de ver a filha subir a escada, encaminhou-se para a sua camara e deitou-se.

Porque estranho milagre não lhe passou pela mente ir espreitar o quarto do preso?

Como não lhe acudiu á ideia a possibilidade da fuga do hespanhol? Como não lhe occorreu a lembrança de que a chave lhe fôra roubada?

Assim foi, porém; Mestre Fernão deitou-se socegado, sem suspeitar do facto que tanto ia enfurecel-o duas horas mais tarde.

# BRITES MARIA

Entre as povoações de Loures e Louza ha muitas quintas verdejantes e alegres; e era numa pequena quinta d'essa região que vivia, havia alguns annos, o commerciante Antonio Joaquim, antigo dôno d'um armazem de *sêccos* em Lisbôa.

Trabalhára honradamente toda a sua vida; e, agora, possuidor d'uma pequena fortuna, dedicára-se á cultura da sua propriedade, onde vivia, feliz, entre a sr.ª Euphemia, sua mulher, e Brites Maria, sua filha adoptiva.

Um grande mystério envolvia o nascimento de Brites Maria: apparecêra uma manhã, nuasinha, á porta do convento do Grillo, ao Beato; e ahi fôra recolhida pelas freiras, enternecidas com a belleza da creança.

Parecia ter apenas tres annos; e ás perguntas das freiras respondia com gritos e lagrimas, entre as quais se distinguiam umas palavras quasi incomprehensiveis.

— Como te chamas, anjinho do Ceu? — perguntava uma freira, beijando-a.

A creança chorava tristemente:

— Bitemí... Bitemí... Blhéé́é...

— Que nome é o teu, joiasinha linda? — interrogava outra.

— Bitemí... Blhéé́é — repetia a pequenita, impaciente.

— Será Brigida? — lembrou outra.

— Bitemí! Bitemí! — gritava a creança, exasperada e chorosa.

— Brites! — exclamou de repente a superiora, pegando-lhe ao collo — Brites Maria, não é, minha filha? — e a pequenita, já sorridente, deitou-lhe os braços ao pescoço e repetiu, serena:

— Bitemí — acrescentando, depois, tristemente:

— Blhéé́é...

Desde esse dia a gentil *Bitemí* foi adorada pelas boas freiras.

Quando, d'ahi a quatro mezes, a sr.ª Euphemia appareceu no convento a visitar a irmã porteira, de quem era amiga antiga, admirou-se de ver correr pelos claustros a encantadora Brites Maria; e, tendo ouvido a historia da creança abandonada, não mais deixou de pensar em leval-a comsigo e adoptal-a como filha.

O negociante e a mulher, casados havia vinte annos, tinham profundo desgosto de se verem sem filhos; depressa decidiram falar á superiora do Grillo, e dentro d'umas semanas levaram Brites Maria para casa.

Agora, passados dezenove annos, Brites Maria era uma encantadora e fresca rapariga.

Antonio Joaquim nada poupára para dar á sua pupilla uma educação brilhante, egual á que, n'esse tempo, recebiam algumas damas de alta linhagem.

Brites Maria, cheia de vivacidade e intelligencia, tudo aprendia tão perfeitamente que causava o assombro dos seus mestres.

Falava o francez, o hespanhol e o italiano; tangia cravo com rara perfeição; bordava em delicados tecidos; e aperfeiçoára-se, d'uma maneira pouco vulgar, nas escriptas mais variadas que n'aquella epoca se usavam.

Aconteceu que o seu mestre de musica era o mesmo que ensinava Ignez; e, por elle, chegou aos ouvidos de D. Filipa a descripção do talento de Brites Maria.

— Gostarias de conhecer essa menina, Ignez?

— Gostava, sim, minha Mãe! Tanto mais — respondeu Ignez — que nenhuma das minhas amigas sabe tanger cravo.

— Pois nesse caso — retorquiu D. Filipa — direi a mestre Severino que a traga aqui um dia. Certamente os paes adoptivos não a impedirão de vir a nossa casa.

Assim começou Brites Maria a frequentar a casa dos Menêzes.

E ás alegres brincadeiras com Ignez e Brianda, juntava-se muita vez o moço D. Duarte, já, inconscientemente, preso aos encantos da pequenina engeitada...

Mas quando, n'aquella tarde, Brites Maria entrou,

risonha, em casa de D. Alvaro, não viu vir Ignez ao seu encontro, como de costume; e correndo, pressurosa, até ao quarto da sua amiga encontrou-a ajoelhada ante o oratório, com os olhos arrazados de lágrimas.

— Que foi, Ignez, que foi ?! — perguntou Brites Maria.

— Ai, Bitemí, se soubesses...

— Diz depressa, queridinha!

Então Ignez, sentando-se ao lado de Brites Maria, contou-lhe o que se passára na vespera.

— E não sabes nada, Ignez ? Brianda não voltou cá ? Teu Pae, não veiu explicar-te ?...

— Nada, Bitemí, nada! — soluçou Ignez — E aqui estou sofrendo martyrios, sem sequer saber se a esta hora meu nolvo é vivo ou morto...

— Não chores, Ignez — declarou Brites Maria de repente — Eu propria vou já a casa de mestre Fernão, queres ?

— Tu ?! — balbuciou Ignez.

— Sim, eu ! Porque não ?

— Mas como, Bitemí ? E' tão longe d'Alfama o bairro de S. Domingos! E minha Mãe que dirá ? Quem irá comtigo ?

— Ouve, queridinha: a tua bôa Mãe não me diz que não, se eu lhe pedir; vou na sége, e o Gil acompanha-me até lá. Ao menos, assim, falo com a Brianda e sei o que se passou com o teu noivo.

— Oh Bitemí, como és boa !

— Vou já falar á sr.ª D. Filipa — e Brites Maria desappareceu correndo.

Não se póde descrever a furia do algibébe, quando, ao romper d'alva, descobriu que o hespanhol fugira.

Lembrou-se, então, da scena da noite e da apparição da filha no quintal. Não podendo conter-se, pozse a gritar com força:

— Quem deixou fugir o biltre ?! Quem foi a atrevida creatura que tal fez ? Brianda! Brianda! Vinde aqui já!

— Ahi vou, meu pae — foi a resposta serena da filha, que era corajosa.

— Vinde, vinde aqui já, moça do meu sangue que assim vos atravessastes no meu caminho! Fôste tu, fôste tu, que deixaste fugir o infame! — e o algibébe, raivoso, passeiava d'um para outro lado.

Quando viu a filha ao pé de si, olhando-o docemente, a colera de mestre Fernão abrandou um pouco; mas, lembrando-se da fuga do preso, a sua zanga tomou posse d'elle e sacudiu Brianda com força, gritando:

— Mas porque fizeste isso, creatura ?

— Era o noivo da minha Ignez — respondeu Brianda, simplesmente.

— Não sabes então que esse biltre é um traidor ?

— O homem que a sr.ª D. Ignez ama, não póde ser um traidor, meu Pae.

— Oh Deus, que eu perco a cabeça! — exclamou o algibébe, enfurecido; emquanto a sr.ª Mafalda, ouvindo tão altos clamores, surgiu do quarto em vestes de dormir e, erguendo os braços ao céu, dizia:

— Pois que tens, homem de Deus?! E' o juizo final?!

— Levae vossa filha, mulher! — gritou, exasperado, o algibébe — levae-a prestes para cima e fechae-a, bem fechada, na sua camara! Levae-a d'aqui, mulher, que eu não estou em mim! — e mestre Fernão sahiu apressadamente de casa, deixando a mulher e a filha, chorosas e afflictas.

— Tal está a venêta, pois então! Seria bebida enfeitiçada que lhe deram? — commentou a sr.ª Mafalda.—Pois que fizeste tu, alminha de Deus?— continuou ella, abraçando a filha. — E agora ter de te fechar na camara!

— Ai, minha Mãe — suspirou Brianda — precisava tanto de ir a casa dos meus Padrinhos... Deixae-me ir, minha Mãe! — e Brianda, ao pensar no hespanhol escondido no poço e nas provaveis afflições em que estaria Ignez, sentia-se desesperada.

— Lá isso, menina, bem sabes que com teu pae não se brinca! Fechadinha te quer, fechadinha terás de ficar. Lá te levarei a merenda e lá te levarei a ceia.

A pobre Brianda subiu, desesperada, para a sua camara e lá ficou todo o dia.

Era já noite quando lhe pareceu ouvir em baixo a voz de Brites Maria.

E, logo a seguir, sentiu os passos pesados da sr.ª Mafalda, que subiam a escada.

— Olha lá, moça, teu pae disse que te não deixasse ver ninguem?

— Não disse, minha Mãe, isso não!

— Pois sabes quem aqui está? A nossa Brites, benza-a Deus! mais linda que um serafim!

Brianda não teve tempo para responder, pois, logo atraz da sr.ª Mafalda, viu surgir a figura airosa de Brites Maria, que se precipitou nos seus braços.

— Que sêde eu tenho, sr.ª Mafalda — declarou — se me desseis um canéquinho com agua fresca!

— Pois não, minha menina, pois não... — e a bôa sr.ª Mafalda encaminhou-se para a porta, deixando sós as duas amigas.

Brianda, então, n'um segredar apressado, contou-lhe todo o succedido, desde o momento em que entregára ao falso D. José o bilhete de Ignez.

— E agora, Bri? O homem está no poço? — perguntou Brites Maria, anciosa.

— Julgo que sim, Bitemí! Que fome, que sede, elle não terá passado! E ninguem, ninguem, para ir ajudal-o a sahir d'ali, coitado! — e Brianda, afflicta, cruzára as mãos n'uma attitude de desespero.

— Espera que eu lá vou — declarou Brites Maria — tens aqui uma bilha com agua e o resto da tua merenda; isto levo eu, disfarçadamente, ao jardim, e em chegando á beira do poço metto tudo dentro do balde da cegônha. Descança!

Juntando as palavras aos actos, Brites Maria dirigiu-se para a escada, exclamando de rijo:

— Não suba, sr.ª Mafalda, não suba, que eu desço já. Dá-me licença? Vou ali ao fundo do quintal chamar o Gil que para lá foi.

— Qual, menina! — respondeu a sr.ª Mafalda, deante de quem ella passou correndo — o escudeiro deve ter ido beberricar para a tenda do mulato! não o encontrareis no quintal, pela certa.

Mas Brites Maria, com a bilha e o resto da merenda de Brianda, chegára á borda do poço.

Curvando-se sobre elle, e velando a voz, chamou:

— Sr. D. José! Sr. D. José, estaes lá?

Do fundo do poço, porém, nem um som se ouvia.

— Sr. D. José — repetiu ella.

N'este momento, a voz da sr.ª Mafalda gritou, de dentro:

— Ah marota, marota... Encontrastes o escudeiro, dizei? Pois se elle vem ao fundo da rua a cavalgar!

— Tendes razão, sr.ª Mafalda! que cabeça a minha! — disse Brites Maria, encaminhando-se para casa. — Dae-me o canéquinho da agua, sim? e depois vou despedir-me da Brianda, lá acima.

Quando, porém, ia a chegar á casa, deu com o pé n'um trapo claro e fino; baixou-se para ver o que era e guardou-o, precipitadamente, no seio.

— Então? — segredou-lhe Brianda, anciosa.

— Deve ter fugido. Tropecei n'esta renda, queres ver? E' uma renda de manga, não é?

— E', é! Está salvo, talvez.

— Salvo?... Só Deus o sabe... Mas, diz-me lá, Brianda elle será realmente um traidor?? — e Brites Maria, franziu o sobrôlho.

— Oh Bitemí! — exclamou Briando indignada —

pois o homem que a nossa Ignez escolheu póde ser um traidor?!

— Tens razão, filhinha; não é possivel. Adeus, Brianda, adeus — e Brites Maria desceu depressa a escada, ao fundo da qual já a esperava o escudeiro Gil.

# NOVAS DE LONGE

N'aquelle ano de 1637, a inquietação que reinava por todo Portugal era cada vez maior.

E quando as beatas, no seu tagarellar inutil, e os prophetisadores, nas suas previsões tragicas, diziam solemnemente — Anda coisa no ar! — não se enganavam.

Se no reinado de Filipe II tinha havido em Portugal um relativo descanço, e esse monarca soubéra, mesmo, alcançar o respeito de muitos portuguezes, o dominio de Filipe III enchia a nação toda, de norte a sul, d'uma indignação surda, que teria de ser expandida dentro em pouco.

Até ahi revoltavam-se os portuguezes contra o jugo do extrangeiro; agora, com os abusos de Filipe III e da sua alma damnada, o conde duque d'Olivares, essa revolta intima augmentára ainda, e, mais tarde ou mais cedo, teria de explodir.

Apparentemente, a vida prosseguia, monotona, uniforme; mas era como certas brazas ardentes, escon-

didas sob uma camada de cinza, e que, ahi resguardadas, vão augmentando o seu calôr em vez de se apagar...

Mestre Fernão tinha a confiança dos conjurados; comtudo, até ahi nada de positivo se assentára. Havia, apenas, reuniões d'amigos em que, ainda vagamente, se pensava na maneira pratica de dar á Patria a liberdade por que todos anciavam.

Brianda passára oito dias fechada na sua camara, e o pae prohibira severamente que as suas amigas a vissem.

Nem as lagrimas da filha, nem as supplicas da mulher tinham abrandado a colera do algibébe.

Quando João Pinto Ribeiro ouviu contar a fuga do hespanhol teve um momento de zanga violenta.

Mas conteve-se, e disse, depois:

— Não vos alarmeis, Fernão; as duas reuniões a que o biltre assistiu não tiveram a minima importancia, bem o sabeis. E, visto que elle não foi a esta ultima, conseguiu-se o principal.

— Mas por onde andará o homem? Terá ido denunciar-vos ás autoridades castelhanas, Deus sabe!

— Denunciar quem? Os unicos homens que elle conhecia ali eram os Menezes, pae e filho; irá elle denunciar o pae e o irmão da mulher que amava?

— E quem vos diz que elle a amava, senhor doutor? Deve ter sido tudo um infame fingimento.

João Pinto Ribeiro encolheu os hombros.

— Olhae, Fernão, já ahi não ha nada a fazer; se elle nos denunciar, se formos encarcerados ou mor-

tos, amanhã, outros portuguezes se levantarão para livrar a Patria opprimida! E se os d'amanhã não conseguirem ainda essa santa liberdade, crêde-me, apparecerão outros, até que ha de, emfim! raiar o dia feliz da Restauração.

— Deus vos oiça, sr. doutor, Deus queira ouvir-vos! — respondeu Fernão, commovido.

— Em todo Portugal está latente a revolta; não ha um só portuguez que não a sinta! Comtudo, é mistér que a revolução se faça perfeitamente e só no dia em que se tenha a *certeza* absoluta de vencêr: entendeis-me?

— E o futuro rei de Portugal?

— O duque de Bragança está um pouco socegado demais, todo entregue á musica e á caça no seu paço de Villa Viçosa; mas em chegando o momento temol-o comnosco.

A conversa dos dois homens foi interrompida por uma grande algazarra de mulheres, no quintal de mestre Fernão.

— Que ha? Que ha? Estaes doidas? — exclamou o algibébe, surgindo, zangado.

— Não vos amofineis, mestre — disse a tia Bernarda — que até gostareis talvez de ouvir as novas que vieram de longe!

— Se tu soubesses! — gritou a sr.ª Mafalda, pondo as mãos e olhando para o ceu — bem m'o advinhava o coração!

— Dizei depressa e calae-vos depois — disse, rudemente, o algibébe — Quem trouxe as novas?

— Foi o tio Zé almocreve — começou a sr.ª Mafalda, chegando-se ao marido.

— Quereis saber d'onde elle vem? — acudiu a tia Bernarda.

— Chegou d'uma terra dos Alemtejos... — continuou a sr.ª Mafalda.

— Donde um homem que é duas vezes o vosso tamanho... — interrompeu a tia Bernarda.

— Falae vós, sósinha — disse o algibébe á beata — senão pouco se entende do que ambas dizeis. Quem é, pois, esse homem de quem falaes?

— Parece que é um enviado do Encoberto — disse a sr.ª Mafalda, benzendo-se.

— Calae-vos por agora, mulher. Prossegui, tia Bernarda.

— Em terras dos Alemtejos rebentou uma revolta, mestre! — declarou a beata.

— Quê? Que dizeis?!...

João Pinto Ribeiro assomára á porta do quintal, escutando, avidamente.

— Onde está esse almocreve, mulher? — perguntou elle, com a sua voz clara e forte.

— Está na tenda do *mulato*, senhor; quereis que vá por elle? — acudiu, obsequiosa, a tia Bernarda.

— Ide e dizei-lhe apenas... que mestre Fernão pretende fazer-lhe uma encommenda com pressa; entendido?

— Para bom entendedor... Cá vou — e a tia Bernarda sahiu, apressada.

— Qne haverá de verdadeiro n'estes dizeres ?... — murmurou João Pinto Ribeiro, pensativo.

— Não ha que fiar em taes noticias, senhor — observou mestre Fernão.

— Enganas-te, homem — acudiu a sr.ª Mafalda — o almocreve fala como quem n'as viu a bom ver!

— Ahi vem elle com a tia Bernarda — disse Fernão.— Entre, sr. Zé — acrescentou para o almocreve, que parára no limiar da porta.

— Que me quereis encommendar ? — perguntou o homem, olhando, desconfiado, para João Pinto Ribeiro.

— Lembrae-vos do que se passou na terra d'onde vindes ? — atalhou o homem de leis — podeis falar bem á vontade, que estaes deante de bons patriotas portuguezes.

— Contae, contae, tio Zé — pediu o algibébe, alvoroçado.

— Venho da cidade de Evora — começou o almocreve, — e quando, ha dois dias, de lá sahi, pelas ruas da cidade davam vivas a Portugal restaurado!

— Que dizeis ?!! — exclamaram os dois homens, a um tempo.

— Uma turba clamava morras aos hespanhoes e vivas ao duque de Bragança...

— E quem dirigia essa turba ? — perguntou, ancioso, João Pinto Ribeiro.

— Um homem de estatura extranha, de grandes braços e maiores pernas, a quem chamavam o *Manuelinho!*

— E sabeis quem é esse Manuelinho? — interrogou mestre Fernão.

— O *Manuelinho* até estes lances era um homem meio doido; mas dizem que entrou n'elle o espirito de D. Sebastião, e todos o seguem n'esta revolta, para livrar a nossa terra dos hespanhoes!

— E então agora?...

— Agora está a cidade d'Evora levantada e é rastilho que vae alastrar depressa!

— Cêdo demais..., — murmurou João Pinto Ribeiro.

— E dizei-me, tio Zé — disse Fernão — o povo está enthusiasmado? Vae de coração n'isto tudo? Ou é levado pelo tal Manuelinho?

— Todo o povo se levantou como um só homem, mestre Fernão! O Manuelinho é quem os chama, por isso vão atraz d'elle; mas se outro fôra, outro seguiriam; o que o povo quer é livrar a nossa terra do hespanhol.

— Ainda bem! ainda bem! — exclamou Fernão, sinceramente enthusiasmado.

João Pinto Ribeiro parecia immerso em profundas reflexões.

Homem ponderado e de superior intelligencia, não se deixava levar por ímpetos patrioticos sem uma orientação segura, que garantisse o exito do emprehendimento.

Levantou-se para sahir.

— Tomae, para comprardes bolos aos vossos filhos — disse elle, dando ao almocreve uma moeda de prata.

— Por Deus, meu senhor, não me pagueis as novas que com alegria vos dei — declarou o almocreve, não querendo aceitar a moeda.

— São alviçaras, tio Zé, bem as mereceis! — observou, sorrindo, mestre Fernão.

— Ah, meu senhor — tornou o almocreve — fazei que eu possa levar novas d'estas de Lisboa para fóra...

— Assim será, espero em Deus! — e João Pinto Ribeiro sahiu, grave e pensativo.

# DUARTE E IGNEZ

Ignez cahira com febre violenta, depois dos acontecimentos precedentes.

Apoderára-se d'ella um fundo descspero ; e nem os carinhos de D. Filipa, nem os conselhos de D. Alvaro conseguiam levantar o seu espirito da prostração em que se encontrava.

Vencida a febre, ao cabo de muitas semanas, levantára-se, emfim; mas a sua magreza, a sua pallidez, e a sua melancolia, tinham-n'a transformado por completo: parecia o triste reflexo da antiga Ignez.

Os paes viam com tristeza que nada podia alegrar a donzella; e D. Alvaro accusava-se, sinceramente, de ter sido apressado em acolher a sua casa um homem que não conhecia.

— Não te accuses — dizia lhe a mulher — é porventura de extranhar que confiasses n'esse homem de porte distinto, maneiras finas, e dizendo-se primo dos nossos primos Abreus ?

— Porque não mandei eu logo ao Algarve, sa-

ber dos Abreus quem elle era?— lamentava D. Alvaro.

— Descança, Alvaro; Ignez esquecerá, e voltará a ser alegre como n'outros tempos.

D. Alvaro abanou tristemente a cabeça.

— Conheço-a bem, é o retrato vivo da minha avó, cuja tenacidade e constancia ficaram proverbiaes na nossa familia: Ignez nunca mais esquecerá aquelle homem. Sinto-me cheio de remorsos; mas affirmo-te que, nestas semanas em que a tive entre a vida e a morte, tenho expiado a minha leviandade...

— Oh Alvaro — respondeu D. Filipa abraçando-o — Tira do teu espirito taes pensamentos. Crê que a nossa Ignez é cheia de brio e caracter; nunca seria capaz de casar com um espião.

— Creio isso, Filipa; comtudo, amou esse homem, e... sabemos nós se ella o não ama ainda? Ficou, pobresinha, com o coração cheio d'amargura...

— E que foi feito d'elle? Não irá denunciar-vos todos?

— Suppõe-se que fugiu, ajudado pela Brianda; a creança tem tal dedicação pela nossa Ignez, que arrostou com a furia do pae para salvar o noivo da sua amiga! Bem mal empregados esforços...

— Eu quiz reprehendel-a severamente, fazendo-lhe ver quanto o seu procedimento foi mau; mas vi-a tão louca com a doença d'Ignez, que perdi o animo. E que ha a respeito do levantamento d'Evora, Alvaro? Ouvi o Diniz e o Gil falarem n'isso, mas achei-te tão reservado sobre esse assumpto...

— Fogo de palha — respondeu D. Alvaro, tristemente — revolta mal organisada, dirigida por um doido, sem condições para manter a lucta com Filipe III, e cujos resultados são nenhuns, infelizmente. Cá temos, sobre nós, a mão pesada de Miguel de Vasconcellos, o escravo odiento dos castelhanos, a deshonrar cada vez mais o nome portuguez...

— Pouco entendo d'essas coisas — retorquiu D. Filipa — mas creio que ha uma coisa em que te enganas: não foi, talvez, um fogo de palha a revolta d'Evora. Esse grito de liberdade, soltado pelo povo, teve largo echo por todo Portugal! Foi como o rastilho d'uma immensa explosão que hade dar-se por força; quando, eis o que se não sabe ainda...

— Se não te enganasses...— murmurou D. Alvaro, pensativo.

— É mister que todos os portuguezes confiem no futuro, que não percam a esperança da restauração da Patria; e que trabalhem para ella dia a dia — disse D. Filipa, com força.

Neste momento, entrou na sala o moço D. Duarte.

— Queres falar á tua irmã, Duarte?... — perguntou D. Filipa.

— Era esse o meu desejo, minha Mãe; Ignez quererá ver-me?

— Tem hoje perguntado muito por ti; vem, pois, ao seu quarto — e a mãe e o filho encaminharam-se para os aposentos d'Ignez.

Os dois irmãos abraçaram-se e Duarte sentou-se ao lado da alta cadeira d'espaldar, onde Ignez pas-

sava os dias, bordando deante d'um bastidor e scismando, melancolicamente.

D. Filipa deixou-os sós.

— Como vos achaes, Ignez? — perguntou docemente Duarte, pegando-lhe na mão emagrecida.

— De corpo, bem, Duarte; mas o coração sangra ainda... — e uma lagrima deslisou pelas suas faces pallidas.

— Porque choraes, Ignez? é pelo desapparecimento do vosso noivo, ou pelo conhecimento de que elle não vos merecia?

— Oh meu irmão, eu choro o homem a quem dei as minhas illusões, as minhas esperanças, o meu amor... Esse homem, Duarte, era uma ficção: morreu! E eu choro como morto aquelle que amei, e que nunca, ouvi-me bem! nunca poderia ser o espião da minha Patria! Esse, desconheço-o por completo.

As lagrimas cobriam o rosto pallido d'Ignez, como um veu de agua cristallina.

Duarte, profundamente impressionado, abraçou-a e disse, gravemente:

— Não fostes vós sosinha que sofrêstes, Ignez. Eu olhava aquelle homem como um irmão querido em quem confiava; dedicára-lhe tambem um affecto profundo, illusões de amizade fraternal... Como vós, Ignez, dei a minha affeição a um homem que morreu; e olhae que tambem soffri muito, minha irmã!

— Se eu pudesse morrer... — suspirou Ignez.

— Que dizeis, louquinha que sois! — exclamou Duarte, com força — pensaes então só em vós mesmo,

Ignez? Não contam para vós os nossos queridos Paes? Não conta a minha amizade? Ha muita coisa nobre a fazer na vida e não tendes o direito, ouvis-me? de pensar em morrer!

— E para que se fizeram os conventos?

— Para as vocações sinceras, que o não é a vossa. Dedicae-vos a pensar nos outros, Ignez, em dar alegria aos nossos Paes, e vereis que, pouco a pouco, a vossa dôr se fundirá n'um sentimento doce e triste, mas sem amargura. Vós amastes um homem que morreu; mas, mais triste é amar alguem que vive e que nunca se poderá obter...

A voz de Duarte tremeu um pouco ao dizer a ultima phrase; e Ignez olhou-o com sincero espanto.

— Pois quê, vós tambem?...

— Eu tambem...

— Quem amais vós que não podereis desposar, Duarte? Não é pois digna essa menina?

— É a mais digna, a mais linda, a mais nobre de sentimentos!

— Qual é o seu nome?

— Não tem nome; é uma engeitada! e eis a razão porque nunca os meus Paes a quererão para nora...

— Bitemí! — exclamou Ignez, admirada.

— Sim, Ignez, Bitemí...

— E quem sabe, afinal, se ella não é engeitada? E' tão distincta e educada... — murmurou Ignez, pensativa.

— Oh saber! saber! E obtêl-a, emfim... — exclamou Duarte, apaixonadamente.

— Não percaes a esperança, Duarte, ha-de vir a descobrir-se a origem de Bitemi; e depois, quem sabe?

— Daes-me esperança e maior será depois o meu desespero...

— Não sei explicar-vos o que sinto, Duarte; mas vejo sempre Bitemí como sendo até do nosso sangue! Como explicar esta impressão?

— Então, promettei-me tentar saber alguma coisa, Ignez! Podereis ir ao convento do Grillo interrogar as freiras?

— Prometto, Duarte: d'ora em deante, o fim da minha vida será encontrar alguma luz nas trevas d'esse mysterioso passado...

— Deus vos ajude, minha bôa e querida irmã! — exclamou Duarte, com o coração palpitante de amor e de esperança.

# O VELHO ESCUDEIRO

A tenda do *mulato*, a que já alguns personagens d'esta narrativa se teem referido, era a loja mais frequentada d'aquelle bairro.

Fôra por uma especial mercê que o mulato José Francisco, por abreviatura o *Zé Chico*, obtivera licença para abrir uma tenda.

N'aquelle tempo as leis do reino não facilitavam o commercio a pretos ou mulatos.

Zé Chico passava, um dia, na populosa rua de S. Pedro, em Alfama, quando os cavallos que puxavam um grande coche, desvairados, com o freio nos dentes, não obedeciam já á mão do cocheiro que os conduzia; e iriam, com certeza, precipitar o coche de encontro a alguma esquina, se o mulato não lhes lançasse as mãos vigorosas aos freios, abrandando a corrida em que iam e salvando, assim, a senhora que desmaiára dentro do coche.

Voltando a si, a nobre dama quiz ver o seu salvador.

— Pedi-me qualquer coisa, poderei talvez attender-vos: meu marido tem influencia na côrte.

— Licença para abrir loja — declarou Zé Chico, com presença d'espirito.

— Dae-me o vosso nome e vinde amanhã pela resposta — respondeu cortezmente a dama; e, no dia seguinte, Zé Chico estava na posse da desejada licença.

Não tardou muito que abrisse uma pequena tenda, que passou a ser o ponto de reunião dos boleeiros, almocreves, vendilhões, etc., do populoso bairro de S. Domingos.

Zé Chico, esperto e prudente, acolhia bem os freguezes, não procurava saber quem elles eram nem d'onde vinham, e abstinha-se de discutir fosse que assumpto fôsse.

N'aquella noite havia grande concorrencia na tenda; falava-se ainda no levantamento de Evora, passado havia mezes, aliás, mas que impressionára profundamente todo o paiz.

— O que o Manuelinho devia ter feito — disse um homem — era sahir da cidade adeante da turba e ir vindo por ahi fora, trazendo atraz de si aldeias e villas, tudo a bradar vivas á Restauração!

— Isso é bom de combinar assim — obtemperou outro — e as autoridades? Que fazeis das autoridades?

— O que eu lhes queria fazer sei eu — retorquiu o primeiro.

— Deixae, deixae — observou outro, — não passará

muito tempo antes que todos nós nos levantemos e possamos varrêr as autoridades lá para as suas terras!

— Não ha hoje um só portuguez que assim não pense, podeis ter a certeza d'isso — concordou outro.

— Não basta pensar, que diabo: é preciso mexerem-se, erguerem-se, pôr a tal duqueza de Mantua na fronteira!

— E espatifar o Miguel de Vasconcellos, de maneira que nem a alma vil se lhe aproveite...

— Deus seja n'esta casa — disse uma voz grave do limiar da porta; e um velho, de elevada estatura e longa barba branca, entrou devagar.

O mulato avançou logo um escabello e foi buscar um pichel de vinho de Torres.

— Bôa noite, tio Barnabé — disseram alguns homens, respondendo á saudação do velho.

— E vós que pensaes da revolta? — porguntou um — Que dizeis de tudo isto?

— Vós sois ainda do tempo do Encoberto! — observou outro, com respeito.

— Vistel-o alguma vez? — perguntou, ancioso, um moço escudeiro — Dizei, vistel-o?

— Contae! — pediu outro — Deveis saber tanta coisa!

— Tinha eu bons trinta anos — respondeu o velho Barnabé — quando vi pela primeira e ultima vez o nosso senhor D. Sebastião; sabeis que dia foi esse? Não, não podereis adivinhar... Foi no dia em que elle deixou Lisboa para sempre! Meu amo partia com elle para Alcacer Kibir...

— E vosso amo voltou? — perguntou um.

— Nunca mais... — respondeu o velho, tristemente.

— E vós que fizestes?—interrogou com curiosidade o moço escudeiro — Porque o não acompanhastes?

— Fiquei ao serviço de minha ama e de suas filhas, que meu amo me entregára antes de partir.

— E estaes inda hoje ao seu serviço?...

O velho hesitou imperceptivelmente; depois, disse:

— Até ao ultimo dia da minha vida estarei ao serviço de minha ama.

— Extranho serviço esse — resmungou um velho boleeiro que via ali o tio Barnabé todas as tardes, como se nada tivesse que fazer senão beberricar.

— Não vos metteis a julgar aquillo que não sabeis, homem de Deus — disse Barnabé—O meu serviço é extranho, é. Mas para que possaes comprehendel-o, contar-vos-hei uma historia.

Barnabé pedira o segundo pichel de vinho de Torres; e á medida que ia bebendo ia-se tambem tornando mais loquaz.

— Dizei! Dizei! — exclamaram todos, pois a gravidade solemne de Barnabé muito os intrigava.

— Quando meu amo emprehendeu seguir o senhor D. Sebastião n'aquella loucura tamanha — começou o velho — fui eu quem o acompanhei a Lisboa. Que dia aquelle, santo nome de Jesus! A cidade toda parecia um grande acampamento e era cheia de tendas de todos os tamanhos; n'ellas se abrigavam os milhares de homens, novos e valentes, que iam

morrer longe da Patria... Havia uma alegria pelas ruas que mais parecia, na verdade, uma loucura immensa... Cantavam, riam, galanteavam, como se fossem para a mais linda das festas!

— Que dizeis?! — exclamaram alguns espantados.

E' como vos digo — continuou Barnabé — Uma nuvem de loucura arrastava toda a mocidade d'aquelles tempos... As damas enchiam-se de joias e riquêzas para se despedirem de seus namorados e irmãos! Até os escudeiros andavam de gibões de seda, bordados com as côres das casas que serviam!

— E vós, como estaveis vestido? — perguntou o moço, com interesse.

— Levava as côres azul e prata; e bem lindo era o meu gibão de damasco... Que alegria nos semblantes, que riqueza nos trajes, que risos em todas as boccas... Assim partiram. Estava-se em Julho de 1578, nunca esquecerei esta data! Tenho-a gravada no coração...

— E depois, quando soube da desgraça? — perguntou o jovem escudeiro, offegante.

— O que então senti, não sei dizer-vos! Nem lagrimas tinha para chorar. Minha ama mandou-me a Lisbôa apenas lhe vieram as tristes novas; e quando eu aqui cheguei, posso dizer-vos que fiquei apavorado com o que via e ouvia!

— Dizei, dizei...

— Andavam mulheres desgrenhadas pelas ruas, clamando pelos seus maridos mortos ou presos, filhas chorando os paes, irmãs chorando os irmãos... Não,

não, não quero recordar tamanha tristeza, não quero... Tantos risos á partida, quantas lagrimas agora...

— E depois?

— Depois? Até a liberdade nós perdemos com a desgraça d'Alcacer Kibir! Nunca mais eu soube o que era alegria. Voltei para casa de minha ama, que d'ahi a um anno foi para o ceu, coitadinha, deixando ao meu cuidado a filha...

— Pequenina ainda?

— Essa menina, que era tudo o que me restava dos meus queridos amos, tinha mezes; triste sorte a d'ella...

— Morreu já, tio Barnabé?

— Sim e não, poderia eu responder-vos; mas ouvi: A menina foi crescendo em bondade e formosura. Vivia com uma tia, irmã do meu fallecido amo; e com ella aprendeu os dotes proprios de uma donzella bem educada. Quando chegou aos vinte e dois foi pedida por um primo e casou; parecia que a pobresinha ia, emfim, ter um bocadinho de ventura no viver. Mas, ai de mim, assim o não quiz Deus. Estiveram os dois casados quinze annos sem ter descendencia; e isto era mais uma tristeza para aquella santinha, a quem a alegria não era dada neste mundo. Pódeis calcular a alegria da minha ama quando, ao cabo de quinze annos de casamemto, lhe nasceu uma filha: tanto o pae, como a mãe não viam mais nada do mundo senão aquela menina! e a creança era tão linda, tão linda, com os seus caracoes pretos!

Os olhos do velho encheram-se de lagrimas e a sua voz tremeu.

— Quiz o diabo que tres annos depois aparecessem uns ciganos por ali perto, e viessem pedir pousada á casa onde estavamos. O meu amo, sabendo-os falsos e ladrões, negou-lh'a; antes lh'a tivesse dado, meu Deus!

— Que vingança tiraram d'elle os malvados?

— A maior que podiam achar — gemeu Barnabé — Quando a nossa menina corria contentinha pelo jardim, sob a guarda do seu velho Barnabé, roubaram-lh'a! roubaram-lh'a! Levaram-n'a! e só Deus sabe o que fizeram d'ella, coitadinha!

Barnabé chorava em silencio, e a todos commovia a sua dôr tão profunda.

— E vós não destes logo por isso? A menina não gritou? Perseguiram os ciganos? — exclamaram algumas vozes anciosas.

— Ouvi ainda ao longe a sua vózinha gritar, chorando; mas nunca mais conseguiu descobrir-se nem a creança, nem o cigano malvado que a roubou!

— E os paes?

— Meu amo morreu d'ahi a tres mezes com uma febre que chegou a enlouquecel-o; minha ama não morreu: está encerrada n'um convento, á espera do dia em que o fiel Barnabé lhe levará a sua filha.

— Pois quê, esperaes ainda encontrar a creança?!!

— Eis ahi o meu serviço — disse Barnabé, voltando-se para o boleeiro — não quero morrer sem

encontrar a filha de meus amos; e não se passa um só dia que a não procure.

— Mas como sabeis se é em Lisboa que ella está?

— Passei annos em Coimbra, passei annos no Porto; agora, espero encontral-a em Lisboa. Não estou certo d'isso, mas creio-o; porque consegui saber que, por essa occasião, entrára em Lisboa, pelos lados dos Olivaes, um cigano com uma creancinha núa nos braços: por um acaso consegui saber isto com certeza.

— E por onde a procuraes agora?

— Quando vejo donzellas, que me parecem ter a edade d'ella, approximo-me, finjo que peço esmola, procuro no semblante alguma parecença com a minha menina e digo baixinho o nome que ella me chamava... No dia em que eu a encontrar, ella reconhecer-me-ha por certo; e *sei* que esse dia ha-de chegar!

— Esquecei-vos que a creança tinha só tres annos, tio Barnabé!

— Deixae, deixae, que esse dia feliz ha-de raiar para mim! — e o velho, como que illuminado, levantou-se para sahir.

— Dá em doido, pobre d'elle — murmurou o boleeiro com pena; e os outros abanaram a cabeça, concordando.

# CONVERSAS D'AMIGOS

Em casa de D. Alvaro de Menêzes festejava-se, n'aquelle dia, o anniversario do moço D. Duarte; e ao jantar, muito lauto e festivo, tinham-se reunido os parentes e os amigos.

O velho palacio dos Menêzes ficava entre a egreja de S. Thomé do Penedo e as estreitas viellas da Regueira e de Castello Picão.

Era um dos palacios mais ricos d'aquelle bairro.

Logo d'entrada, depois de se acceder ao pateo por um lago portal de cedro, havia, dos dois lados, tres altas arcadas de cantaria; e sob as arcadas da esquerda erguia-se a escadaria de pedra, que conduzia ao andar nobre.

Da abobada pendia, pesada e rica, uma enorme lampada de ferro forjado.

Tinham fama os azulejos da vastissima sala d'entrada, representando, em figuras expressivas, scenas de caçadas; e os velhos retratos de familia, pendendo

das paredes forradas de damasco carmezim, eram quasi todos assignados por mãos de mestre.

Mysterioso e recatado, entre muros cobertos de hera, florescia o jardim perfumado de lilazes; e, mais abaixo, como que desprezando a visinhança das flores viçosas, havia um melancolico jardinsito, onde cactos gigantescos, eriçados de picos, erguiam ao ceu os seus rudes contornos.

Das janellas do andar nobre, com largas saccadas de ferro, dominava-se toda a vista do Tejo; e era um espectaculo admiravel ver a entrada e a sahida das naus mercantes, com as suas vellas enfunadas ao vento e os seus altos mastros apontando para o ceu.

Ignez gostava de se sentar no terraço forrado de azulejos; e aquella vista grandiosa, á luz dourada do poente, enchia-a de uma suave melancolia, que bem quadrava agora ao seu espirito entristecido.

Recuperàra a saude, e nas suas faces reappareciam as côres delicadas d'outr'ora; comtudo, ficára-lhe no olhar uma doce tristêza, o que, longe de a desfavorecer, mais ainda a embellezava.

Duarte fazia vinte e tres annos n'aquelle dia. Era um esbelto moço cheio de qualidades de intelligencia e caracter.

Tinha um profundo amor á sua Patria; e não podia resignar-se á triste sujeição em que vivia Portugal.

— Porque te exaltas assim, Duarte? — dizia-lhe, sentado ao pé d'elle, n'um vasto canapé, seu primo Antonio de Brito, após larga discussão—se tu tivesses

vivido antes d'esta Fillippada hespanhola, vá lá; mas se tu nunca conhecestes outra coisa, homem!

— Pois tu não sentes como eu, Antonio? Não te revoltas que estejam hespanhoes a mandar na Patria dos Infantes? Que diria Nun'Alvares se cá viesse agora...

— Não havia de gostar, não — concordou Antonio — mas, que diabo! é preciso, não ser mais papista que o Papa, Duarte. O Duque de Bragança mexe-se muito, porventura? Não o creio; a caça e a musica é o que elle aprecia antes de mais nada...

— Quero crêr que te enganas — retorquiu Duarte — mas o facto d'elle se dedicar tanto á caça e á musica só prova os seus gostos elevados. De resto, a nós todos é que compete mexer-nos, abrir caminho, e preparar tudo para que o duque de Bragança possa, emfim, vir occupar o throno dos seus avós. Se tu soubesses o culto que eu sinto pela nossa Historia, Antonio! é como se fosse uma religião.

— E's um exaltado! E a prima Ignez que pensa sobre o assumpto? — acrescentou o rapaz, interpellando a prima, que conversava ali perto com a sua irmã Annica.

— De que falaes, Antoninho? — perguntou Ignez, affavelmente.

— Era elle quem falava — respondeu Antonio a rir — e posso dizer-vos que falava bem!

— Levas tudo a rir, Antonio; mas affirmo-te que para mim o culto da Patria é tão grave e tão profundo como uma santa e nobre religião...

— Tendes razão, Duarte — aprovou Ignez.

— Quando leio a nossa Historia — continuou Duarte, com calor — e quando a comparo com a das outras nações, podeis crêr que me orgulho de a ver mais nobre, mais linda, mais heroica do que todas!

— Como falaes bem, primo Duarte — exclamou, commovida, Annica de Brito — é preciso ser muito sabedor, como vós sois, para assim se fazer essas comparações; a mim nunca me ensinaram Historia — acrescentou, desconsolada.

— A de Inglaterra, quão sanguinaria é! — continuou Duarte — paixões vis, invejas de thronos, rivalidades de familia, mortes mysteriosas, carceres eternos...

— Esqueces-te da grande Isabel! — interrompeu Antonio, indignado.

— Sim, essa mulher levou bem longe a grandeza do seu paiz. Foi uma grande rainha e uma cabeça de altissimo valor; mas quanto fel no seu coração, quanta crueldade no seu sentir!

— Pódes dizer tambem mal da historia da França, a nação que a todos nós dá lições d'adeantamento?

— Pois sim, pois sim; mas qual é a Historia que tem uma geração como a dos Infantes? Um Nun' Alvares? A poetica ala dos namorados? Onde vês tu uma enfiada de reis tão dedicados ao seu pôvo? Um *Princípe Perfeito* de tão grande intelligencia? Onde achas tu uma morte como a de D. Duarte d'Almeida?

— Que coisas sabeis dizer! — murmurou Annica, impressionada.

— Tudo isso é bem consolador de pensar, Duarte — observou Ignez.

— Ouvi, minha irmã: a recordação do passado glorioso de Portugal é o unico pensamento que nos póde, hoje em dia, dar algum consolo, na situação triste em que estamos... O passado, só nos dá força para trabalhar para o futuro. Pensar nos velhos reis Affonsinos, rudes e bons, que engrandeciam o reino e pugnavam sempre pelos direitos do seu pôvo; na grande epoca dos de Aviz, que souberam elevar Portugal acima das maiores nações; e, sobretudo, ler Camões, ler o pôema d'esse collosso, sem egual no mundo, que escreveu com alma e coração a historia dos portuguezes!

— Primo Duarte, onde aprendestes vós tantas coisas? — perguntou Annica, ingenuamente.

— Procurei sabêl-as, prima, e li-as nos livros. Se quereis, emprestar-vos-hei o poema de Camões, *Os Lusiadas;* e vereis, vereis como é bello!

— Se o D. Sebastião voltasse, estava tudo arranjado — observou Antonio.

— Deixa-te de dizeres isso, Antonio — interrompeu Duarte, impaciente. — Isso é um impossivel, infelizmente. D. Sebastião morreu, e morreu como um verdadeiro heroe portuguez.

— Mas o Bandarra predisse a sua volta... — disse Annica.

— Ora, prima, o Bandarra é um pobre sapateiro que sabe muito menos que nós.

— Contae mais coisas, primo Duarte! — pediu Annica.

— Que dizia eu? ah sim, recordo-me. Ficae, pois, sabendo que D. Sebastião poderia, se assim o tivesse querido, ter fugido e salvo a sua preciosa vida; mas quando lhe perguntaram o que havia a fazer, n'aquella derrota medonha d'Alcacer Kibir, sabeis o que elle respondeu?

— Não sabemos, não — disse Annica.

— Respondeu: *morrer; mas morrer devagar...* e foi batalhando como um heroe, até lá deixar a vida.

— Então porque o esperam ainda? — observou Annica. — E' um desacerto!

— Tendes razão, prima, é um desacerto. Mas o que não devemos, o que não podemos, é resignar-nos a deixar morrer a nação portugueza; isso é que nunca!

— Quem te diz que ella morre, homem! — bradou Antonio.

— Sem independencia não póde existir a nossa Patria. E é preciso lembrar-nos dos tempos antigos, e ir á historia dos nossos avós buscar a força moral que nos ha-de fazer vencer...

— A força moral é bôa; mas olha que a força material ainda póde mais!

— Não penso assim, Antonio. Os poucos heroes d'Aljubarrota souberam bem vencer os milhares de castelhanos, tão fortes, que queriam invadir o torrão portuguez, e o que foi que os amparou senão a força moral?

— Oh Duarte — observou Ignez — quanto prazer dá ouvir-vos fallar assim...

— Tão sentidamente... — disse Annica.

— Sentido é tudo o que eu disse; e juro-vos que se fosse preciso dar o meu sangue para resgatar a minha Patria, não hesitaria um instante que fosse.

— Creio isso firmemente — declarou Ignez.

— Sobre que conversaes, Duarte? — interrompeu o velho D. Joaquim da Cunha, que chegára havia pouco do Alemtejo, onde tinha uma grande casa.

— Sobre o resurgimento da Patria — respondeu gravemente, Duarte — Estamos, meu primo, falando do risonho futuro...

— Tendes as illusões proprias da vossa edade — respondeu D. Joaquim, abanando a cabeça. — Tambem as tive já, mas hoje não creio, infelizmente, n'esse futuro. Será por eu ser já velho, talvez.

— A esperança é o maior bem d'esta vida, primo Joaquim — disse D. Filipa, aproximando-se do grupo — e nunca devemos perdêl-a.

— E' uma bella coisa, é, prima... Haveis de crer que ha uma prima de minha mulher, santa como as que o são, benza-a Deus! que vive ha dezenove annos encarcerada na cella d'um convento, á espera de encontrar uma filha perdida?

— O quê?!! — exclamaram as senhoras, com curiosidade.

— Assim é, minhas primas: quasi não come, quasi não dorme; e todas as manhãs pergunta, como se fosse possivel, e nem mesmo de extranhar: «o Barnabé já trouxe a creança?»

— E quem é esse Barnabé? — perguntou Ignez.

— E' o velho escudeiro que, a bem dizer, a creou e lhe jurou encontrar a filha.

— Parece um rimance! — exclamou Annica.

— Que triste vida a da infeliz senhora — murmurou D. Filipa.

— E' já velhinha, primo? — interrogou Ignez, com singular interesse.

— Deve ter os seus cincoenta e oito a sessenta annos; mas dizia-me a minha mulher que o seu cabello era já todo alvo e a sua pelle tomára a pallidez do marfim velho, coitadinha. A esperança de estreitar um dia a filha nos braços é que a mantem ainda em vida...

Ignez scismava, alheia a tudo mais.

Num momento, passára-lhe pela cabeça a possibilidade de ser Brites Maria a creança procurada...

— Era preciso que Bitemí fosse muito mais velha do que realmente é! Mas, quem sabe? Que mysterios ha na vida, meu Deus... — pensou.

Estremeceu, sobresaltada.

O primo Antonio despedia-se d'ella, com toda a galanteria que lhe era habitual.

— Minha prima, beijo-lhe as mãos fidalgas...

— Bôa noite, Antonio—respondeu Ignez, sorrindo.

Uma hora depois, na solidão do seu quarto, Ignez pensava ainda naquella infeliz mãe que, encerrada havia dezenove annos n'uma estreita cella, esperava o dia em que abraçaria a filha perdida...

# A MEMORIA DE BRITES MARIA

O tempo passava e infelizmente a situação de Portugal era a mesma.

A duqueza de Mantua reinava como vice-rainha; e Miguel de Vasconcellos, embriagando-se por habito inveterado, continuava a ser o homem odiado dos portuguezes e desprezado dos hespanhoes.

Preparava-se, comtudo, a grande conjuração que ia, emfim, libertar a Patria. E tão bem guardado estava o segredo que as reuniões dos conjurados tornavam-se cada vez mais frequentes, sem que as autoridades hespanholas d'ellas suspeitassem.

Ignez não esquecera a promessa feita ao irmão; mas limitava-se, por ora, a elaborar um plano para levar as suas pesquizas a bom fim.

Queria primeiro conversar longamente com Brites Maria, interrogar a sua memoria, tentar ver na sua narrativa algum ponto que a orientasse um pouco.

Pediu, pois, a D. Filipa que a deixasse ir um dia de passeio até Louza, com a sua ama e Brianda.

— E' um passeio tão lindo, minha Mãe; deixaes-me ir no proximo Domingo?

D. Filipa hesitou; Louza era distante e os caminhos tão pouco seguros n'aquella epoca!

— Ireis as tres sósinhas, minha filha? Bem vês que é perigoso, Ignez; tantos rufiões assaltam as seges e os coches...

— Iremos de madrugada, minha Mãe, logo ao romper d'alva; o Gil poderá talvez accompanhar-nos até lá, se quizerdes, ou o nosso velho Diniz.

— Coitado do Diniz! com os seus setenta annos, de que vos serviria? — disse D. Filipa, sorrindo.

— Então o Gil, minha Mãe — insistiu Ignez.

— Emfim, verêmos: vou consultar teu Pae.

D. Alvaro não se oppoz; e ficou resolvido que a sr.ª Mafalda iria com Ignez e Brianda, escoltadas até Louza por Gil e Diniz.

— Depois, não venham tarde — reccomendava D. Filipa, aprehensiva — é mistér que saiam de Louza antes da merenda, vêjam bem.

— Vereis como vou gozar este passeio ao campo, Mãe querida! — e Ignez, radiante, beijou ternamente a mãe.

O Domingo amanheceu lindissimo; e o sol acabava de nascêr, quando a sr.ª Mafalda e Brianda batiam á porta dos Menezes.

— Estou tão contente! — murmurou Brianda.

— Ella nem dormiu esta noite, sr.ª D. Ignezinha! —declarou a sr.ª Mafalda.

— Eu tambem pouco dormi — disse Ignez, sorrindo,

— estava a pensar no prazer que vamos dar á nossa Bitemí!

O passeio até Louza levou quatro horas.

A sr.ª Mafalda dormia; Ignez e Brianda conversavam alegremente, trocando, de vez em quando, uma ou outra palavra com Gil e Diniz, que cavalgavam ao lado da sege.

Chegaram, emfim, á quinta de Antonio Joaquim; e logo accorreram os donos da casa, bonacheirões e affaveis, seguidos de Brites Maria, cuja alegria não tinha limites.

— Que felicidade, Deus meu! — exclamava ella — tu, minha Ignez linda! e tu, minha Briandinha! Quem foi da lembrança, dizei? Fôstes vós, tia Mafalda, já advinhei, não fostes? — e Brites Maria ria que era um gôsto ouvil-a.

D'ahi a instantes, as tres raparigas corriam pela quinta como tres creanças alegres.

— Vede-l'as, sr.ª Euphemia — dizia o velho Diniz — pois quem ha-de dar vinte annos á nossa menina?

— E a nossa, sr. Diniz? parece uma menina de quinze; e afinal já contou os vinte e dois.

— Quasi a edade de meu amo D. Duarte — observou Gil.

— Bem lindo moço que elle é — declarou Antonio Joaquim.

— E não pensaes em casar vossa filha? — perguntou a sr.ª Mafalda.

— Edade para isso já ella tem — respondeu Antonio Joaquim — mas não quer ouvir falar em tal. Ha

em Loures um rapaz, dôno da loja grande, que a viu na missa, e até já m'a pediu!

— E ella? — perguntou Gil.

— Quereis saber, sr. Gil, o que ella me respondeu quando lhe falei n'isso? Pois declarou-me, e muito a sério, que nunca se casaria, senão quando soubesse quem eram os seus verdadeiros paes!

— Esse dito fez-me chorar até mais não... Pois se a gente a estima como filha... — disse a sr.ª Euphemia, sentida.

— Não vos agasteis por isso, sr.ª Euphemia — observou Diniz — pois a menina pensa com juizo.

— E se nunca se descobrir quem foram os paes? — exclamou Antonio Joaquim — Crêde que é isso o mais certo.

— Tentastes vós sabêr alguma coisa? — perguntou Gil.

— Foi a minha Euphemia ao convento; só se sabe que a menina appareceu lá, nùasinha, com os seus tres annos: mais nada.

Assim falaram os cinco até que chegou a hora do jantar.

A sr.ª Euphemia arranjara uma meza para Ignez jantar sósinha; e chamou para a quinta, pondo as mãos espalmadas junto aos cantos da bocca:

— Meninas! Meninas! Vinde ao jantarinho!

Quando Ignez viu a meza que lhe era destinada, indignou-se sinceramente.

— Que ideia foi essa, sr.ª Euphemia? Quero jantar comvôsco, pois não! Sósinha é que eu não quero! O

Diniz, e o Gil trouxeram jantar; e nós, vamos sentar-nos com a minha ama á vossa meza.

Mas Antonio Joaquim protestou com tal vehemencia, que não houve meio de o convencer a sentar-se perto d'Ignez.

A sr.ª Mafalda teve então uma ideia.

— Jantam as tres meninas sósinhas e nós servimo-las; quereis? Depois, jantamos nós.

Assim se fez; e o jantar das meninas decorreu alegre, animado pelas gargalhadas de Brites Maria. Brianda falava pouco; mas gozava intensamente e desejava vêr prolongar-se aquella bella e divertida tarde.

— Sabes, Bitemí — disse Ignez, depois do jantar — preciso falar comtigo seriamente. Vem tambem, Brianda, vamos sentar-nos á beira da fonte, sim?

Seguiram as tres meninas pela quinta abaixo e sentaram-se sobre a relva macia, á sombra de velhos platanos.

— Dize-me, Bitemí, tu lembras-te de quando te levaram ao convento do Grillo? — começou Ignez, pegando na mão da sua amiga.

A pergunta era tão inesperada, que Brites Maria ficou a meio d'uma das suas alegres gargalhadas, e Brianda, olhou, admirada, para Ignez.

— Se me lembro?... — balbuciou Brites Maria.

— Vê se te lembras, Bitemí! — insistiu Ignez. — Vê se interrogas bem fundo a tua memoria...

Brites Maria desatou a chorar, baixinho.

— Não gostas da sr.ª Eufemia?! — perguntou Brianda, dôcemente.

— Gosto, gosto! — exclamou Brites Maria, com calôr — são tão bons para mim, coitados... Mas como queres tu comparar o sentimento que eu tenho por ella, ao que se sente por uma mãe?! A minha mãe, a minha mãe... — e Brites Maria, cobrindo a cara com as mãos, chorava convulsamente.

— Socega, Bitemí — pediu Ignez, com meiguice — e faz o que te peço, sim? Lembra-te...

— Mas se eu não sei nada, Ignez! — soluçava Brites Maria.

— Quando pensas no que seria a tua mãe, a tua verdadeira mãe, como a vês tu, dize?

— Ai, como a vejo... Vejo-a alta e magra, com um olhar triste, triste... Assim é que eu a inventei, vês tu! — e Brites Maria chorava.

— Vê se te lembras, vê se te lembras... — insistia Ignez — alguem te agarrou quando eras pequenina? Vê se te pódes lembrar, Bitemí!

— Não posso, Ignez, não me lembro de nada... E porém, ás vezes, parece-me encontrar coisas e pessoas que conheci ha muitos annos...

— Dize, dize...

— Olha, uma vez que fui a Lisbôa, entrei com a tua ama na egreja de S. Domingos; e quando passei pela pia d'agua benta estava lá um velho ajoelhado com uma grande barba branca. Elle rezava, de mãos postas, e não me viu. Não sei como explicar-te... Senti que já tinha visto um dia aquelle velho! Senti-o e sinto-o... Bem vês que é disparate, Ignez.

— Dize mais, Bitemí...

— Reparae, menina Ignez — interrompeu Brianda. — Está alem um homem tão negro e tão feio a olhar por cima do muro! Não tendes mêdo?

— Será algum cigano — respondeu Ignez, emquanto Brites Maria scismava, olhando sem vêr...

De repente, porêm, levantou-se afflicta, esgazeada; apontando para o muro, por sobre o qual cigano espreitava, curiosamente, murmurou, com a voz tremula de mêdo:

— Ali... Ali... — e cahiu desmaiada.

Ignez e Brianda molharam-lhe as fontes, beijaram-n'a, deitaram-n'a; e o cigano, que uma simples curiosidade levára a espreitar o muro, desaparecera já.

— Que foi que tive? — perguntou Brites Maria, voltando a si.

— Desmaiaste, filha — respondeu Ignez.

— Assustaste-te com o cigano — disse Brianda — e eu é que t'o mostrei...

— Não sei o que senti — disse Brites Maria, passando a mão pela cabeça.

— Tambem te pareceu que o tinhas já visto um dia? — perguntou Ignez.

— Como sabes?! Foi assim, Ignez; tive, ao vêl-o, a mesma impressão de que quando vi o velho das barbas brancas em S. Domingos...

— Ouve, Bitemí; eu heide descobrir quem tu és, quem são teus paes, qual é a tua origem...

— Como és bôa, minha Ignez...

— Quero saber quem te abandonou á porta do Grillo...

— Para que queres desvendar esse triste mysterio ?...

— Bitemí, Bitemí, queria tanto fazer-te ainda uma pergunta!...

— Que queres saber, Ignez ? — e o coração de Brites Maria palpitou, desordenado.

— Ouve-me, e tu tambem, Brianda: eu amei com todas as forças do meu coração, mas agora, vós o sabeis, o amor morreu para mim. Não podendo ser feliz, quero, ao menos, ajudar a felicidade dos outros...

— Mas... — balbuciou Brites Maria.

— Deste o teu coração a alguem, Bitemí?

Os olhos de Brites Maria encheram-se de lagrimas e os seus labios murmuraram, tristemente :

— Sou uma engeitada...

— Não o sabes — declarou Brianda.

— Mas has-de sabel-o, nem que eu passe a vida inteira a descobrir esse segredo. Se ficares sendo uma engeitada e não puderes desposar... aquelle que te ama...

— Que me ama?! — murmurou Brites Maria, commovida.

— Que te ama — repetiu gravemente Ignez — faze como eu, Bitemi ; pensa que esse homem morreu.

— Mas se ella descobrir os paes ? — disse Brianda illuminada de esperança...

— N'esse dia — interrompeu Brites Maria — talvez eu môrra de felicidade !

— Vamos pôr-nos em campo, Brianda ; queres ajudar-me ? — perguntou Ignez.

— Sim, sim ! — exclamou Brianda, radiante.

— Olha, a primeira coisa a fazer é vêr se consegues descobrir o velho das barbas brancas ; vai, pois todos os dias á egreja de S. Domingos : promette-me isso !

— Prometto, prometto ! — declarou Brianda.

As tres levantaram-se, pois aproximava-se a hora da partida.

— Diz-me, Bitemi — disse Ignez, ao ouvido de Brites Maria — Poderei dizer alguma coisa ao Duarte ?

— Oh minha Ignez... — balbuciou Brites Maria — Pódes dizer-lhe que se eu não fôr filha de bôa gente viverei e morrerei pensando n'elle...

Separaram-se, emfim ; e pela noitinha chegava a sége a Lisbôa, sem que tivesse tido maus encontros pelas estradas êrmas.

# BRIANDA PÕE-SE EM CAMPO

Durante mais de um mez, Brianda foi todos os dias á egreja de S. Domingos; mas nunca conseguiu encontrar o velho das barbas brancas.

Uma vez pareceu-lhe vêl-o: ajoelhado perto do altar, estava um homem de grandes barbas.

Brianda chegou-se a elle e perguntou-lhe, timidamente:

— Desculpae... Conhecêstes vós uma creança chamada Brites Maria?

O velho olhou-a admirado e respondeu, casmurro:

— Se eu soubesse o nome de todas as creanças que tenho conhecido... — continuando, depois, as suas orações.

Brianda lembrou-se d'insistir; mas convenceu-se que não era aquelle o velho de Brites Maria e desistiu.

Uma vez, porem, ao seguir perto de sua casa com a mãe, viu sahir da taberna do mulato um velho muito alto, de longas barbas brancas.

Seria aquelle ?

Correu pela rua acima, apezar das exclamações da sr.ª Mafalda, que não tomava a serio aquellas buscas.

— Brianda, vinde cá! — gritou a mãe, meio zangada, meio véxada.

— Já vou, minha mãe, já vou — respondeu Brianda, correndo para alcançar o velho.

Mas a fatalidade quiz que Barnabé, pois era elle, caminhasse apressado n'aquella tarde; e, quando Brianda virou a esquina da rua, já o não viu. Voltou desconsolada para junto da mãe, que a admoestou severamente.

— Ora não ha! Uma moça com os dezesete já feitos, pôr-se ás corridas na rua que nem uma poldra! Não, que a visinhança havia de ter reparado, pela certa...

— Desculpae, minha Mãe; mas aquelle velho era com certeza o tal que buscamos!

— Que sabeis d'isso? — retorquiu a mãe — E que fosse, menina? Julgas que é por elle que vaes encontrar a mãe da Brites! Ora pois!

Uma manhã, Ignez decidiu ir com a mãe ao convento do Grillo.

Sem suspeitar dos verdadeiros motivos que levavam Ignéz a querer saber a origem de Brites Maria, D. Filipa comprehendia o desejo de sua filha; e attribuia, unicamente, á amizade que ligava as duas meninas aquelle interesse nas pesquizas.

De resto, tudo o que era motivo para distrahir Ignez

do desgosto que soffrêra, merecia a aprovação de D. Filipa.

Acompanhou, pois, a filha ao convento do Grillo.

Esperava-as, porém, uma grande decepção: a superiora que recolhera Brites Maria no anno de 1618 morrêra havia um anno; e só duas freiras se lembravam, vagamente, da entrada da creança no convento.

D. Filipa pediu para as ver e logo vieram falar-lhe á grade.

— Minha irmã — disse D. Filipa — lembrae-vos da creancinha núa que foi encontrada á porta d'este mosteiro ha dezenove annos?

— Lembro-me que isso succedeu, minha senhora; mas tão mal... Era uma linda menina e chorava a bom chorar.

A outra religiosa interveiu:

— Dizia chamar-se Bitemí...

— E não vos lembraes de mais nada que ella dissésse? — perguntou Ignez, anciosa.

— Só palavras que nada significavam... — respondeu a primeira.

— Sim — acudiu a outra — havia uma coisa, sobretudo, que ella murmurava todo o dia, pobresinha, mas que nada queria dizer! Era assim: Blhéééé!

— Effectivamente nada se póde concluir d'ahi — disse D. Filipa — perdoae o incommodo, minhas irmãs — e retirou-se com Ignez, ambas desconsoladas com o resultado da sua missão.

Comtudo, Brianda, intelligente e tenaz, resolvera ir

á tenda do mulato indagar quem seria o velho que de lá vira sahir na vespera.

Escolheu uma hora em que a tenda estava sem freguezes e dirijiu-se ao *mulato*.

— Dizei-me, Zé Chico : quem é um velho alto, de longas e alvas barbas, que d'aqui vi sahir hontem pelas Trindades ? — O mulato calou-se. Não sabia porque o interrogavam ácerca d'aquelle freguez ; mas o seu systêma era não se metter com as vidas de ninguem, e abanou a cabeça negativamente.

— Não sei, não sei... — respondeu elle.

— Dizei, Zé Chico ; olhae que não é para lhe fazer mal. E' um caso sério e que lhe dará a elle muita alegria !

— Não sei... Não sei... — repetiu Zé Chico ; e Brianda sahiu da tenda, desesperada. Quando ia a entrar em casa, estava o cego Manuel sentado á porta, esperando pacientemente o seu quarto de pão.

— E's tu, mocinha ? — perguntou elle, sentindo ao pé de si os passos leves de Brianda.

— Sou eu, sou, tio Manuel ; cantaes-me alguma nova xacara ? Estou a modo tristinha hoje, e apraz-me muito ouvir-vos cantar.

— Isso então quadra-me bem, menina : sei agora uma cantiga que vos vae decerto agradar.

— Onde a aprendestes ? — perguntou a sr.ª Mafalda.

— Foi historia que me contaram ha tempos ; e eu cá a versejei a meu modo.—A tia Mafalda sentara-se no banco de pedra do vão da janella com a sua cos-

tura, emquanto o cego afinava a guitarra, deante da porta da rua.

— É triste ou alegre a vossa canção? — perguntou Brianda.

— Crêde que os meus olhos choraram quando a cantei pela primeira vez — respondeu o cego.

— Ora, cantae antes a cantiga da Auzenda, ou do conde d'Allemanha.

— Não, não, minha Mãe; vamos á canção nova! — insistiu Brianda.

— Sabeis porque me faz tamanha tristeza? é uma historia que aconteceu.

— E onde, tio Manuel?

— Isso agora, mocinha, é que vos não sei dizer. Mas quem m'a contou, bem-n'o sabe; e ouviu-a contar propriamente ao escudeiro velho de que fala a cantiga

— Começae, começae — exclamou Brianda, impaciente.

O velho começou, na sua voz dolente e triste:

***A triste donzellinha***

Ai que casal tão feliz
Naquelle palacio além!
Que donzellinha formosa,
De seus paes o maior bem!

Outra ventura não tem
Maior que aquella creança;
De orar pela linda filha
A pobre mãe não se cança.

Com seus negros caracoes
Corre a menina a brincar
Olha por ella o escudeiro
Que a mãe já soube crear.

Brincae, brincae, donzellinha,
Vosso brincar innocente...
Não tardará que sejaes
Chorada por toda a gente...

Mas nisto, oh hora tremenda!
O demonio a viu brincar:
Fecha os olhos ao escudeiro
Vae a menina agarrar...

Chorae, choráe, donzellinha,
Quantas lagrimas podeis...
Pois aos paes fostes roubada
E nunca mais os vereis!

O escudeiro encanecido
Perdeu p'ra sempre a alegria,
P'la menina que roubaram
Chora, o pobre, noite e dia...

Brianda, ao ouvir a ultima quadra da triste cantiga, levantára se, profundamente impressionada.

— Quem vos contou essa historia, tio Manuel? — perguntou ella, anciosa — Como sabeis que é verdadeira?

— Que vos importa, mocinha? — Dizei-me se gostaes da cantiga — repondeu o cego.

— Gostei, gostei, mas o que eu quero saber, o que é mister que eu saiba, é quem vos contou essa historia!

— Foi na tenda do mulato que a ouvi — respondeu o cego.

— Um velho de barbas brancas vol'a contou! — exclamou Brianda.

— Julgo que vos enganaes, menina; pois que m'a contou um boleeiro meu conhecido, e nunca ouvi dizer que elle fosse barbado!

— Tio Manuel, tio Manuel, trazei-me cá esse boleeiro, ou levae-me aonde a elle!

— Porque vos amofinaes assim, moça? A vossa voz treme! A vossa mão escalda! Que tendes, Briandinha?!

— Ai, tio Manuel, vós não sabeis, não podeis saber o que tenho... — e Brianda sentiu lagrimas ardentes que lhe enchiam os olhos.

— Onde está o boleeiro? Onde podeis encontral-o? — continuou ella.

— Todas as tardes ali vae beber ao Zé Chico.

— E nunca por lá vistes um velho alto de barbas brancas?

— Como quereis que eu veja, moça, se Deus me tirou a vista?

— E' verdade... — suspirou tristemente Brianda.

— Que quereis que faça, menina? — tornou o cego. Quereis que pergunte ao boleeiro quem lhe contou a historia? Quereis que vá hoje mesmo procural-o?

— Ouvi-me bem, tio Mannel: eu sei d'uma menina, muito minha amiga, que procura seus paes, pobresinha d'ella...

— E porque julgaes que seja a da cantiga? Ha tantas creanças roubadas por esse mundo.

— Pois tá visto — acudiu a sr.ª Mafalda — mato-me a dizer-lhe isto; mas quê?

— Quem sabe, minha Mãe, quem sabe? — exclamou Brianda — Ouvi, tio Manuel, que mais alguma coisa me faz pensar que seja essa a historia da minha amiga. Não fallastes vós d'um escudeiro?

O cego repetiu:

O escuðeiro encaneciðo
Nunca mais teve alegria,
P'la menina que roubaram
Chora, o pobre, noite e ðia...

— Pois a minha amiga diz que lhe parece lembrar-se, muito de longe, d'um velho de barbas brancas...

— Tantos ha por esse mundo... — repetiu o cego.

— Quem vos diz que não é o velho escudeiro da cantiga?

— Não o creio, moça, mas farei o que desejaes. Vou-me aonde o boleeiro e dir-vos-hei depois o que souber.

— Muito vos agradeço, tio Manuel! Deus ha-de recompensar-vos! — e Brianda, contente e sollicita, acompanhou o cego até perto da tenda do mulato.

# INESPERADA CARTA

O cego viera, n'essa mesma noite, contar a Brianda o resultado da sua missão. Infelismente o boleeiro partira na vespera com o seu amo para o Algarve e Zé Chico nada sabia da sua volta.

— Não podeis vêr se encontraes o das barbas, tio Manuel? — insistiu Brianda, desconsolada.

— Como se vos metteu esse pensar na cabeça — observou o cego. — Mas... ora me lembro d'uma coisa, menina: se achardes bôa a ideia, irei cantar a minha cantiga deante da taberna do mulato bastas vezes; caso lá esteja o escudeiro é de presumir que acôrra a saber onde eu ouvi aquella historia, pois não é?

— Tendes razão, bom tio Manuel! — exclamou Brianda, radiante — Cantae a vossa cantiga, cantae-a por toda a parte! e vereis que a minha pobre Brites Maria ha de encontrar seus paes por vosso intermedio!

O cego, sorrindo, partiu; e Brianda correu a casa

dos Menêzes, anciosa por participar a Ignez as suas supposições e o incidente da cantiga.

Sentiam-se ambas esperançadas; e Ignez, quando ouviu a narrativa de Brianda, exclamou:

— Oh meu Deus, é, com certeza, a historia da Bitemi, não te lembras do susto que ella teve quando viu o cigano?

— E' verdade! — disse Brianda — E a cantiga lá fala no demonio a agarrar a creança!

— Ai, Brianda, parece-me que vamos em bom caminho! — e Ignez, cheia de alegria, abraçou ternamente a filha da sua ama.

Costuravam as duas meninas na rouparia, quando entrou o velho Diniz, trazendo uma carta n'uma salva de prata.

— Para mim, Diniz? — exclamou Ignez, admirada.

— Trouxe-a um frade, saberá Vossa Senhoria; disse-me apenas: «entregae já esta missiva a vossa ama» e desappareceu sem esperar resposta — explicou Diniz.

— Está, bem, Diniz — respondeu Ignez.

— De quem será... — disse ella, hesitando em rasgar o largo papel lacrado.

— Quereis que me retire? — perguntou Brianda, discretamente.

— Fica, Brianda; tenho eu porventura segredos para ti? — respondeu Ignez, decidindo-se a abrir a missiva.

Era um longa carta, escripta em folhas de pergaminho; e Ignez procurou, antes mesmo de a lêr, o nome de quem a assignava.

— Não conheço... — murmurou ella, scismando.

— E já vistes d'onde vem? — lembrou Brianda.

— E' verdade que não... Mas vou ler desde o principio.

Á medida que lia, porém, Ignez ia empallidecendo de commoção; e, chegada ao termo da epistola, encostou-se ao espaldar da cadeira de couro, emquanto abundantes lagrimas lhe cobriam as faces.

Brianda correu para ella.

— Que tendes, menina? Que lêstes vós ahi? Que mau feitiço vos fizeram essas lettras?

— Lê, Brianda, lê, e verás porque choro...

Brianda pegou nas folhas de pergaminho e leu:

Nobre senhora, Dona Ignez de Menezes.

«Quando lerdes o nome que assigna estas linhas achal-o-heis desconhecido; e perguntareis a vós mesma, quem será o ousado que assim se dirije a vós, desconhecendo-vos.

«Perdoae-me.

«Eu sou aquelle desgraçado que, usurpando um nome, um titulo, uma situação, teve a audacia de levantar os olhos para vós: eu sou aquella triste creatura que recebeu dinheiro para espionar os homens que se confiavam a elle, dando-lhe a sua preciosa amizade; sou, emfim, um penitente, um condemnado, que á hora da morte vos pede o perdão dos seus crimes...

«Amei-vos, nobre senhora; d'um amor tão puro e

tão profundo, que podereis não vos envergonhar de têl-o inspirado.

«Nunca denunciei um só dos vossos compatriotas nunca uma só palavra me arrancaram; e o dinheiro que me foi pago dei-o *todo*, até ao ultimo ceitil, aos pobres.

«Sahi de Hespanha para bem longe; e, alistando-me na guerra, batalhei com valentia, segundo dizem, sempre com o desejo de morrêr.

«Realisa-se, emfim, o meu desejo: estou moribundo e á hora em que lêrdes estas linhas a minha alma deve estar no purgatorio; não digo no inferno, pois o meu arrependimento é bem sincero.

«Venho pedir-vos o vosso perdão, senhora; e dizer vos que o amor que me inspirastes foi o sentimento, cheio de pureza, que me fez vêr os meus crimes, salvando a minha alma.

«Perdoae-me, Ignez! Orae por mim...

*Anjelo Rodrigues.*»

— Pobre desgraçado... — murmurou Brianda — E salvei eu um traidor á nossa Patria...

— Não posso ainda perdoar-lhe... — disse Ignez, gravemente.

— Pensae, em todo o caso — observou Brianda — em quanto foi bemfazejo o amor que o desgraçado vos teve: salvastes assim aquella alma!

— E' verdade — disse Ignez. — Seria esse o designio de Deus? — e quedou-se, pensativa.

— Olhae que há coisas que a gente não percebe; que se nos afiguram inuteis, e afinal são, ás vezes, trazidas a nós pela mão de Deus...

— E' verdade... — repetiu Ignez.

— Assim, não seria para me contar a historia da Bitemí que o cego veiu hontem á nossa porta?

Calaram-se as duas um momento.

— Que nos dizes de novo, Briandinha? — perguntou Duarte, entrando.

— Talvez muito, talvez nada, sr. D. Duarte! — e Brianda sorriu, mysteriosa.

— Por ora, nada — interrompeu Ignez — comtudo... esperae em Deus, Duarte!

O moço sahiu desconsolado. Tinha bem poucas esperanças no resultado das buscas a que Ignez e Brianda se dedicavam; e parecia-lhe que Brites Maria estava perdida para elle...

# A TIA BERNARDA

O tempo passava; depressa para uns, vagaroso para outros, na impaciencia de verem succeder-se os factos da agitada vida portugueza.

Estava-se no verão de 1640.

Brianda vivia inquieta, dominada pela ideia fixa de levar a bom fim a campanha que emprehendera.

Pareciam, porém, que os obstaculos se amontoavam ante o seu caminho, e que a pobre Brites Maria tarde ou nunca viria a conhecer a sua origem.

Barnabé deixara havia tempos de frequentar a taberna do Zé Chico. Vendo infructiferas as suas buscas no bairro de S. Domingos, decidira tental-as para outro lado.

E estivera elle tão perto de descobrir o que buscava!

Em vão o cego percorrêra aquellas ruas, cantando a *Triste donzellinha*; em vão Brianda se demorava nas egrejas, esperando ver alvejar as longas barbas do escudeiro.

E o velho Barnabé vivia em Alfama, sem suspeitar que a sua existencia era o objecto de tantos pensamentos...

Trocára a taberna de Zé Chico pela do Manuel das Tias; e a sua figura veneranda conquistára já o respeito e a sympatia de todos.

Frequentava muito as egrejas; não só na esperança de ahi ver um dia a creança que buscava mas, sobretudo, porque na oração encontrava o unico consôlo á sua alma dolorida.

Era Domingo e estava uma manhã quente de trovoada. Na egreja de S. Miguel a missa ia começar.

A tia Bernarda, que dêsde o romper d'alva ouvia missas em varias egrejas, na convicção de que quantas mais ouvisse, mais promptamente salvaria a sua alma, entrára em S. Miguel e ajoelhára perto da porta; soltando profundos suspiros, accompanhados de ligeiros gemidos, de cada vez que via entrar pessôa de abastança.

Era o seu fim commover os corações e obter depois, á sahida, uma ou outra esmola.

Barnabé entrou após ella e ajoelhou do outro lado, orando cheio de devoção e sinceridade.

A tia Bernarda, porém, farejou n'elle um rival; e resolveu logo rezar tres Padres Nossos e tres Ave-Marias, para que o démo do barbudo se retirasse antes do fim e não apanhasse as esmolas que a ella eram devidas.

Quando acabou a missa, grande foi, porém, o espanto da beata, ao observár que o velho ficára na

egreja; e, longe de se precipitar a receber os obulos dos devotos, continuava, immovel, as suas preces.

A tia Bernarda scismou com aquillo.

O velho demorava-se tanto! Iam fechar a egreja com elle lá dentro, ora pois!

E se lhe deu alguma coisa? Tanto não tinha ella pedido aos Ceus!

N'este mesmo momento estremeceu, afflicta, ao ouvir um forte trovão.

Tinha um grande pavor das trovoadas; e agora afigurava-se-lhe que era a voz de Deus clamando...

— Santo nôme de Jesus — murmurou ella — Santa Barbara nos acuda! São Jeronimo nos proteja! Deixa-me rezar as orações aos santinhos antes que a trovoada se chegue a nós.

E a tia Bernarda bichanou, com as mãos postas devotamente e os olhos no altar mór:

S. Jeronymo se alevantou, [1]
Seu pésinho ðireito calçou,
Sua mão ðireita lavou
Seu cajaðinho agarrou
Lá a meio ðo caminho
Nossa Senhora encontrou
— Aonðe vaes tu, São Jeronymo?
— Vou ðerramar as trovoaðas
Que p'lo ceu anðam armaðas
— Derrama-as para bem longe
Por esses campos maninhos
Donðe não haja eira nem beira
Nem raminho ð'oliveira

[1] Tradição oral ða Beira Baixa e Alemtejo.

Nem ovelhas com borreguinhos
Nem vaccas com bezerrinhos
Nem gueðelhinha ðe lã
Nem alminha christã
Amen.

Sentiu-se mais descançada: e, na verdade, a trovoada parecia afastar-se para longe d'ali. Comtudo, quiz tambem invocar o auxilio de Santa Barbara, e murmurou, d'olhos fechados:

«Santa Barbara bemðita [1]
Que no Ceu está escrita
Com papel e agua benta
Peði a Nosso Senhor
Para abranðar esta tormenta
P'ra acalmar esta trovoaða.»

A egreja estava quasi vazia; d'um lado apenas um frade, córado e rubicundo, rezando um gigantesco rosario de contas pretas.

Depois de beijar o chão, o frade ergueu-se e encaminhou-se para a porta, deixando na egreja a tia Bernarda e Barnabé.

A beata, então, levantou-se e chegou-se ao pé do velho, murmurando-lhe ao ouvido:

— Vão fechar a egreja, tiosinho... Vinde embora!

Mas o velho não se mexia.

A tia Bernarda, aflicta, assustada, convencida que

[1] Tradição oral da Beira Beixa.

que fôra culpada no facto, precipitou-se para a sachristia, a chamar o Luiz sachristão.

— Que ha, tia Bernarda? — perguntou o sachristão, entretido a trincar uma larga fatia de pão.

— Vinde depressa, homem de Deus! Está ali um velho barbudo que não tuge nem muge! — ciciou a beata, n'um segredar reverente.

— Então enterra-se — concluiu serenamente o sachristão.

— Quem vos diz que elle morreu? — continuou ella, impacientando-se.

— Lá vou — resmungou o homem, engolindo o ultimo bocado de pão e encaminhando-se para a egreja, sem se apressar.

Encostado á parede, Barnabé estava desmaiado; e com dificuldade o transportaram para a sachristia, ajudados pelo proprio padre que viera ver o que havia.

Estenderam-n'o sobre um banco, molharam-lhe a testa, e o velho, pouco a pouco, voltou a si, murmurando palavras sem nexo.

Sentaram-n'o e o padre interrogou:

— Que tivestes, homemsinho? Sentis-vos melhor?

— Roubaram-m'a... — murmurou Barnabé, tristemente.

— Que vos roubaram, dizei? — perguntou o padre, admirado.

— Roubaram-m'a... — repetiu Barnabé.

— Ora o homem! — exclamou a tia Bernarda — não vá elle dizer que fui eu que o roubei!

— E quem sabe...—resmoneou o sachristão, entre dentes.

— O quê?! — gritou a beata, que o ouvira.

— Então, então — ralhou o padre — lembrae-vos do logar onde estaes, sr.ª Bernarda — e, voltando-se para Barnabé, continuou:

— Qual é o vosso nome e aonde deverei mandar-vos conduzir?

— Roubaram-n'a ao pobre Barnabé... — murmurou o velho.

— Está tinôco — declarou o sachristão.

— Roubaram-vos alguma coisa? — tornou o padre, com força.

Barnabé olhou para elle; pareceu acordar d'um sonho. Disse, em voz clara:

— Onde estou eu? Porque estaes em volta de mim? — e levantou-se devagarinho.

— Tivestes um desmaio, pobre homem; e quiz Deus que vos voltasse a saude; dae-Lhe graças! — disse o padre, amparando-o e guiando-o para a porta. — Foi talvez da trovoada — acrescentou.

Barnabé agradeceu-lhe e sahiu devagar.

A tia Bernarda não estava contente; aquella insistencia do velho em dizer que o tinham roubado, parecia-lhe devéras offensiva para a sua dignidade!

E não ouvira ella o resmungar do Luiz sachristão?

Não, que ainda nem estava em si, a falar a verdade.

Ella, que todos os dias ouvia missas em S.ta Luzia, em S. João da Praça, em S. Miguel, em S.to Estevam, e no Salvador, a roubar alguem!...

— Então, tia Bernarda, ficaes ahi? — disse-lhe o padre, voltando-se para ella.

— Cá vou, cá vou, senhor prior — e a tia Bernarda sahiu, descontente comsigo e com todos.

No caminho encontrou varios conhecimentos, com quem teve o alivio de desabafar.

— Quereis crer, sr.ª Zéfinha — exclamou ella, já no Chafariz d'El-rei, encontrando a Zéfa côxa, mendiga muito conhecida da rua dos Tanoeiros — que já hoje me chamaram ladra?!

— O quê, tia Bernarda?! Padre, Filho e Espirito Santo! — respondeu a sr.ª Zéfinha, benzendo-se.

— Um démo d'um velho barbudo, que assim se poz a grital-o ao sr. prior!

— E quizeram crêl-o? — perguntou a outra.

— Não, era o que faltava! — e a sr.ª Bernarda poz as duas mãos na cinta — foi ali uma barulheira na sachristia, que nem parecia a casa do Senhor!— acrescentou ella, indignada.

— Elle sempre os ha de tal força, credo! — concluiu a sr.ª Zefinha, afastando-se a coxear para os lados de S. João da Praça.

Ao chegar perto de sua casa, a tia Bernarda deu de cara com Brianda, que vinha, com a mãe, da egreja de S. Domingos.

— Como ides, tia Bernarda? — perguntou cortezmente a sr.ª Mafalda — Ouvistes os trovões?

— Iria na paz do Senhor senão fôsse o démo d'um velho de grandes barbas que m'as pregou...

— Quem? Quem? Contae lá! — exclamou Brianda, com interesse.

A tia Bernarda não se fez rogada; e, alongando-se em descripções, contou, á sua maneira, o incidente do Barnabé.

Brianda ouvia com muita attenção, os olhos brilhantes, o espirito aberto...

— Como se chamava esse velho, sabeis? — perguntou ella.

— Julgo que era Barnabé: mas que m'importa? — declarou a tia Bernarda.— O démo do homem não fazia senão gemer: roubaram-m'a! roubaram-m'a! como se lhe eu tivesse roubado a bolsa!

— Tia Bernarda — declarou Brianda, offegante — quereis receber meia duzia de bons cruzados?

— Caçoae, caçoae, moça, que os tempos estão mesmo para isso... — resmungou a beata.

— Não estou caçoando, tia Bernarda. Esse velho julgo ser um homem que muita gente rica anda procurando, percebeis? Se vós o encontrardes, e souberdes dizer o paradeiro d'elle, recebereis, sem falta, meia duzia de bons cruzados!

A tia Bernarda olhou para Brianda; ao vêl-a tão grave, convenceu-se de que a sua proposta era seria e respondeu:

— Pois, moça, se taes cruzados receber, um será para dar ao Senhor dos Aflictos... Vou-me já an-

dar por Alfama e prestes descobrirei o velho Barnabé, vereis!

Sem mais demoras, a tia Bernarda separou-se d'ellas, e encaminhou-se para os lados d'Alfama, toda esperançada.

# CORAÇÕES VIBRANTES

O dominio d'aquelle detestavel e detestado Filipe III, tornava-se cada vez mais opprimente para os portuguezes; e poucos eram aquelles que não anciavam pelo dia da libertação.

Como poderiam continuar a sentir o jugo da Hespanha? O pêso dos impostos augmentava; as prerogativas, respeitadas e acatadas por Filipe II, eram, agora, espésinhadas e desprezadas; por ultimo, emfim, n'este anno de 1640, viera a ordem humilhante de se apresentarem os portuguezes em Hespanha afim de combater os rebeldes da Catalunha!

Não podiam mais. O desejo intenso de liberdade era como um gaz fortissimo encerrado n'um pequeno espaço: teria de explodir por força.

Decidiram, pois, os conjurados precipitar os acontecimentos: mandar emissarios ao duque de Bragança, conseguir que elle se fizesse, de bom grado, aclamar rei de Portugal, e fixar o dia da Restauração.

Embuçados, mysteriosos, guardando um segredo

inviolavel, reuniam-se de noite, entrando, um a um, por uma estreita e escura viella, no palacio de D. Antão d'Almada, ao Rocio.

Poucas discordancias havia n'aquellas reuniões, secretas e graves, em que as almas patriotas vibravam de nobres sentimentos.

Todos aclamavam D. João, duque de Bragança; e todos se harmonizavam no desejo intenso de ver, emfim, Portugal independente como sempre fôra!

Não eram precisas grandes phrases; a convicção existia em todos os corações.

Estando, finalmente, delineado o plano da conjuração, começaram as reuniões a realisar-se nos aposentos de João Pinto Ribeiro, que habitava o proprio palacio dos duques de Bragança, na rua então chamada do Thesouro Velho.

Ahi se decidiam as minucias do grande projecto, o proceder de cada um dos conjurados, o dia, a hora.

Discutia-se, n'um segredar quasi tragico, a sorte do governo; mas todos, sem excepção, reclamavam para o infame Miguel de Vasconcellos a morte!

Seria bem merecida. Ha porventura papel mais vil do que o de quem atraiçôa a sua Patria?

A casa de mestre Fernão Henriques chegára tambem o vibrar patriotico da conspiração; e o proprio algibébe, em quem João Pinto Ribeiro depositava a mais completa confiança, prestava grandes e importantes serviços aos conjurados.

Brianda, embora absorvida pelas tentativas, até ahi

baldadas, de descobrir a origem de Brites Maria, sentia vagamente as preoccupações do pae.

— Andaes tão alheio a nós, meu Pae — observou ella, um dia, vendo o pae scismar longamente.

— Julgaes vós ambas que não tenho outros pensares na cabeça que não sejam as vossas pessôas? — disse Fernão, sorrindo.

— Dizei-me, meu Pae, não parece que andam todos agitados em Lisbôa? Como que á espera que aconteça alguma coisa? Que ha, meu Pae?

— Lá que anda guerra no ar, anda — commentou a sr.ª Mafalda aprehensiva.

— Quem sabe... Quem sabe... — respondeu o algibébe, com ar satisfeito.

— Meu Pae, dizei-me o que há! — pediu Brianda anciosa — Se avaliasseis o que é o meu desejo de saber...

— Não posso dizer-te nada, filha — disse Fernão, gravemente. — Porém, Brianda — e o algibébe levantou-se — dir-te-hei que esta oppressão em que vive a nossa Patria ha sessenta annos, deverá breve acabar; entendes-me bem?

— E voltaremos a ser livres, mandando só portuguezes nos portuguezes? — perguntou Brianda, enthusiasmada.

— E' isso o que esperamos: e essa esperança enche de jubilo a minha alma de portuguez!

— Eu cá — observou a sr.ª Mafalda — tanto se me dá como se me deu; haja o pãosinho... — concluiu, philosophicamente.

— Não digas isso, mulher — respondeu Fernão, casmurro — mais vale um pedaço de pão rijo na Patria livre do que o melhor dos manjares na escravidão!

— Ai, meu Pae, — observou Brianda, abraçando o pae, com emoção — comprehendo tão bem o que dizeis... Tambem eu, meu Pae, sinto uma alegria immensa quando penso que a nossa querida terra vae poder levantar cabeça... — e os olhos de Brianda encheram-se de lagrimas ardentes.

O pae olhou-a satisfeito; pois era profundamente patriota e regosijava-se de ver que Brianda não só comprehendia mas partilhava os seus sentimentos.

N'este momento, porém, a voz fanhosa da tia Bernarda gritou, de fóra:

— Briandinha! Briandinha! Quereis ouvir algumas novas, menina?

— Que vos quer a beata? — perguntou Fernão, aborrecido.

— Oh meu Pae — interveiu Brianda — são novas que muito nos importam. Entrae, tia Bernarda, entrae! — acrescentou ella, depressa.

— Como vindes fria, visinha — disse a sr.ª Mafalda amavelmente — Não quereis um canéquinho d'agua quente com assucar?

— Graças, minha visinha, graças — respondeu a beata, alegrando-se com a ideia — Sempre temos este anno um Novembro aspero, que é de levar a pelle ás creaturas!

— E que novas me trazeis, tia Bernarda? — acu-

diu Brianda — Descobristes o paradeiro do vélhote? Sabeis quem elle é? Podeis trazêl-o cá? Ou levar-me onde a elle?

— O que ahi vae, moça, louvado Deus! Alguma coisa fez a Bernarda, valha a verdade; mas esperae que eu beba a aguinha com assucar; tudo vos direi seguidamente — e a tia Bernarda bebeu socegadamente a agua, em goles pequenos, saboreando; emquanto Brianda, impaciente, se sentou deante d'ella á espera que lhe aprouvesse falar.

— Dizia eu, então — começou a velha devagar — Que lá me tomei para Alfama a ver se encontrava o barbudo. Não, que a coisa era complicada, podeis crer! Lembrei-me d'ir á taberna do Joaquim Mouro, que é nas escadinhas de St.º Estevam, e topei logo com um dianho de grandes melenas, sentado á porta e...

— Era o Barnabé? — interrompeu Brianda.

— Pois não fôste! Este usava umas suissas na cara escanhoada, como podia ser o barbudo?

— Dizei, dizei — acudiu Brianda, impaciente.

— Cá vae, menina; paciencia é o que se quer. Na taberna do Mouro, nada me souberam dizer; fui d'ahi andando até á locanda da tia Ramôa, onde se hospedam sempre os hespanhoes.

— Mas elle não é hespanhol! — exclamou Brianda.

— Deixae, deixae, que a gente nunca sabe. A tia Ramôa, quando lh'eu falei nas barbas do outro, disse-me que tinha lá um hospede que era mesmo o retrato vivo d'aquelle que eu procurava; que era um

tal Domingos, da Galliza, e que se occupava em trabalhos de frétes.

— Bem vêdes que não é o Barnabé! — acudiu Brianda, aborrecida.

A tia Bernarda zangou-se e gritou:

— Pois se não quereis ouvir, tanto melhor para mim; vou-me, menina Brianda — e a velha levantou-se.

— Vinde cá, vinde cá — pediu Brianda — e perdoae a ancia em que estou, tia Bernarda! Se soubesseis quantas lagrimas se teem chorado por não se achar o tal Barnabé!

— N'esse caso — acedeu a velha — dir-vos-hei o resto; mas heis de ouvir com paciencia. Andei, andei dias sem fim, menina! E tanto estafei estas minhas pernas, que até estou com ideia de não dar o cruzado ao Senhor dos Aflictos: levo-o direitinho a Santa Rita dos Impossiveis, que foi por certo a minha advogada n'este caso...

— Pois conseguiste! — gritou Brianda.

— Fui-me então hontem até ao Beco do Pocinho, á taberna do Manuel das tias; e quem hei-de eu ver abancado á meza grande da esquerda?

— O Barnabé!? — exclamou Brianda.

— Inda não, inda não... — respondeu a tia Bernarda — a menina julga então que foi lá chegar e mais nada? Pois ora vae ver. Quem lá estava era o malandro do Luiz sachristão! Sabeis o que disse de mim, sabeis? — e a tia Bernarda virou-se para a sr.ª Mafalda.

— Sei, sei, — respondeu a sr.ª Mafalda.

Brianda teve um suspiro de desespero, e a beata continuou :

— Mal eu tinha entrado, entra logo após mim... o barbudo em carne e osso! Com uma cara de desenterrado que fazia afflicção! Quereis crer que nem para mim olhou? Isto de chamar ladra a uma pessoa e depois nem a olhar, sempre é... Emfim. Eu cá diriji-me a elle, e disse-lhe, sem mais: «Ha quem vos procure, oh tio das barbas; onde é a vossa morada?» Elle poz-se a olhar para mim com os olhos arregalados e respondeu, cheio de casmurrice:

— O velho Barnabé não conhece ninguem, e ninguem o procura.

— Vejam lá a teima. Eu tornei: pois se eu vos digo que sim! «ha uma menina» — ereis vós, Briandinha — «que anda mortificada para saber o vosso paradeiro». Mas mal me deixou acabar, o demo do barbudo! Quando eu falei em vós, Briandinha, põe-se-me a tremer como varas verdes, cahiu sentado n'um escabello e gemeu, como quem vae dar a alma a Deus: «Ai, ai... Ai, ai... Ai, ai...» Vi geitos d'elle ir d'esta para melhor.

— E depois? — acudiu Brianda, anciosa.

— Depois, que querieis que se fizesse? Acudiu o dono da taberna, deu-lhe uma pinga — e olhae que que nem um golo me soube offerecer a mim, aquelle unhas de fome — e o velho lá ia arrebitando aos poucos.

— E para onde foi? — gritou Brianda.

— Foi-se lá para o casebre onde se abriga — respondeu a tia Bernarda — E quem é que descobriu onde é o casebre, quem foi? — acrescentou.

— Dizei, dizei...

— Foi a Bernarda!—concluiu a beata, triumphante.

— Dizei, pelas alminhas! — repetiu Brianda.

— Como eu vos ia contando, o velho não estava bom. O taberneiro, mais o sachristão, mais eu, ajudámol-o a erguer-se do escabello; e eu ia assim dizendo: «não vos amofineis, creatura! Que quem vos procura quer-vos bem; é uma menina toda secia — ereis vós, Briandinha — e que vos quer dar prendinhas, e miminhos, e quer saber onde moraes!»

— E elle? e elle?

— Elle não fazia mais que gemêr; lá se foi andando, amparado por nós tres, até que chegou a um pardieiro no beco do Penabuquel, logo ao rez da rua. Lá porcaria não vi eu no casebre, isso não: estava tudo que nem um brinco. Chegado lá, sentou-se n'um escabello e agarrou-me nas mãos ambas, que vi geitos de m'as não largar! E entrou a perguntar: «Dizei-me onde mora essa menina... Eu vou lá... Eu conheço a minha menina entre mil...» havia de conhecer boas coisas, pois não — «é a minha Britesinha...»

— Elle disse isso, tia Bernarda?! — gritou Brianda, levantando-se.

— Socegae, que 'inda não acabei — declarou a beata.— «Ella foi-me roubada, sabeis vós?» dizia o pobre do velhote, e então, ouvis-me bem? é que eu

percebi que da outra vez o dito do roubo não era commigo!

Brianda deixára-se cahir n'uma cadeira, dominada por uma forte emoção.

Tinha agora a certeza de que estava prestes a chegar ao fim do seu grande emprehendimento; e murmurou, baixinho:

— Bemdito sejaes, meu Deus...

Preparava-se para de novo interpellar a tia Bernarda, e combinar a maneira d'ir ao beco do Penabuquel, quando a porta se abriu precipitadamente e a figura de João Pinto Ribeiro assomou no limiar.

— Fernão, cnde estaes? — bradou elle, com voz forte.

Mestre Fernão accorreu depressa, e João Pinto Ribeiro, sem sequer se lembrar de mandar afastar as mulheres, disse-lhe uma só palavra, vibrante de mal reprimido enthusiasmo:

— Sabbado!

# A TRISTE DONZELLINHA

Ignez adquirira a convicção absoluta de que Brites Maria era a creança que a prima de D. Joaquim da Cunha esperava tão anciosamente. E quando Brianda lhe narrou, commovida, a descoberta do velho Barnabé foi mais um élo ligado á cadeia dos acontecimentos.

Lembrou-se da palavra incomprehensivel que a creança pronunciava entre lagrimas, e que tanto intrigára as boas freiras do convento do Grillo: *Blhéééé!* Não era isso, por certo, uma transformação infantil do nome de Barnabé?

Tudo lhe parecia agora claro, limpido; e exultava, no seu intimo, com a alegria que daria ao seu irmão Duarte, trazendo-lhe a encantadora Brites Maria para noiva.

Via já o dia feliz das bodas, em que Brites Maria, orphã de pae, seria levada ao altar por D. Joaquim da Cunha, seu parente mais proximo...

Absorvida pela immensa felicidade dos outros, a bôa Ignez esquecia o seu proprio desgôsto.

Com a auctorisação de D. Filipa tinha decidido ir com Brianda, acompanhadas pela sr.ª Mafalda, interrogar o velho escudeiro ; e levar-lhe a feliz nova que elle esperava havia vinte e dois anos. Ao mesmo tempo, seguiu Gil a cavallo até Louza, com um bilhete d'Ignez para Brites Maria. N'esse bilhete, Ignez dizia apenas:

Bitemi, é mistér que venhas com o sr. Antonio Joaquim a Lisboa ; quanto mais depressa, melhor, A tua

*Ignez.*

Emquanto Gil cavalgou até á quinta d'Antonio Joaquim, Ignez e Brianda dirijiram-se, com Mafalda, ao casebre onde Barnabé jazia, n'uma grande prostração.

Quando as viu entrar, o velho ergueu-se do leito com os olhos dilatados; deixou-se, porém, cahir de novo, murmurando, tristemente:

— Não é ella... Enganaram-me!

— Como vos sentis, sr. Barnabé ? — perguntou Ignez, docemente.

— Mal... mal... Julguei... enganaram-me... A minha menina não sois vós...

Custava-lhe agora articular as palavras. Brianda acudiu, com raro bom senso:

— Ouvi, sr. Barnabé, não vos enganaram, não! Nós viemos vêr-vos para bem saber a vossa historia e julgamos que a vossa menina é uma amiga nossa

muito querida... Que appareceu uma manhã, núasinha, á porta do convento do Grillo, e ahi foi recolhida pelas freiras...

— O seu nome é Brites Maria — disse Ignez, curvando-se sobre o leito.

Barnabé erguera-se de novo, com o semblante illuminado.

— Brites Maria! Brites Maria! — disse elle com a voz mais forte.

— Nós chamamos-lhe *Bitemi*...—continuou Ignez, suavemente.

Então o velho não poude dizer nada: lagrimas em fio corriam-lhe pelas pobres faces enrugadas, molhando-lhe as longas barbas brancas.

A sr.ª Mafalda chorava n'um canto do quarto; Ignez e Brianda, impressionadas, calaram-se.

E, n'esse momento, ouviu-se, não longe d'ali, a voz do cego cantando a melopeia da *Triste donzellinha*...

Ignez murmurou:

— É a mão de Deus que o traz aqui...

Brianda foi abrir a janella, para que bem se ouvisse.

— Ouvi a cantiga do cego, sr. Barnabé — disse Ignez com força. — Ouvi bem o que elle diz, escutae!

O velho, sentado no leito, escutava, cheio de espanto e commoção, a historia da *Triste donzellinha*.

— Chora o pobre noite e dia... — repetiu elle, baixinho, quando o cego terminou — quem o diria ao céguinho??

— Pois agora não heis de chorar mais! — exclamou a sr.ª Mafalda, chegando-se a elle. — E vereis a vossa menina! E vereis como é boa e linda; e educada que nem uma princeza! e vel-a-heis breve! — A sr.ª Mafalda estava enthusiasmadissima, e o proprio Barnabé já sorria, atravez das suas lagrimas.

Brianda não esquecera o bom do cego.

Abrira a porta para a rua e agora chegava-se a elle, dizendo-lhe baixinho, para que se não juntasse povo:

— Vinde, vinde, meu bom tio Manuel, que o velho escudeiro é achado! Entrae n'este casebre, onde a vossa cantiga tanta alegria trouxe!

O cego sorria, contente; e depois de bem recompensado pela bolsa d'Ignez, afastou-se, compondo já no seu espirito um epilogo feliz á historia da *Triste donzellinha*.

A sr.ª Mafalda observou, então:

— E agora, minha menina, não iremos pela nossa Brites, e trazel-a ao seu fiel escudeiro?

Barnabé agradeceu-lhe com um olhar reconhecido; mas Ignez respondeu:

— A minha ideia era mandar uma sege buscar-vos e levar-vos para casa de meus paes, sr. Barnabé.

— Não seria melhor para nossa casa? — interpoz Brianda.

— Sim, sr.ª Dona Ignezinha — exclamou a sr.ª Mafalda — lá para casa é talvez o mais acertado: perdoae que nos atravessêmos na vossa ideia! E vós, que dizeis, tiosinho?

Barnabé nem ouvira a discussão; pensava só no momento em que poderia beijar as mãos da sua menina e leval-a, emfim, á mãe.

— Bem — volveu a sr.ª Mafalda — cá virêmos na sege para vos buscar, dentro de uma hora.

Despediram-se d'elle e sahiram, sem que o velho, embebido no seu sonho de ventura, desse por isso...

D'ahi a uma hora, acordou sobresaltado com a chegada de Mafalda e Brianda; e deixou-se conduzir docilmente, sem sequer perguntar para onde o levavam.

Na manhã seguinte, chegou Brites Maria a casa dos Menêzes; e, sem difficuldades, obteve que Antonio Joaquim a deixasse lá ficar por uns dias.

— Que me queres, minha Ignez? — perguntou ella, tremula d'emoção, quando se viu só com Ignez.

— Ai Bitemí, Bitemí, estou tão feliz...

— Que queres dizer? Não ouso pensar...

— Ousa, Bitemí! Pensa na maior das felicidades...

— Minha Mãe... Duarte... — murmurou Brites Maria, com o coração palpitante.

Ignez fel-a sentar, pegou-lhe nas mãos. E contou-lhe, então, as longas buscas de Brianda, a cantiga ouvida ao cego, o incidente da tia Bernarda. Depois, a narrativa de D. Joaquim da Cunha; emfim, a descoberta do velho de barbas brancas, de quem ella julgava recordar-se...

— Não póde ser... Não póde ser...—balbuciava Brites Maria.

— E' sim, minha Bitemí; é assim! E's ainda nossa prima, e serás, um dia, a minha querida irmã!

— Ignez... — murmurou Brites Maria, chorando.

— Vaes ver breve a tua mãe, Bitemi, que te espera ha vinte e dois annos!

Brites Maria levantou-se de subito.

— Devo ir já, Ignez; quem me diz que a verei ainda, querida mãe martyr que tanto me amou... Diz-me, quando poderei partir?

— Deves primeiro ver o pobre Barnabé, Bitemi; e então irás com elle para Evora. Agora vem abraçar a minha Mãe, vem, que ella quiz deixar-nos ao prazer d'estas confidencias e está anciosa por beijar... a noiva do seu filho!

D. Filipa e Duarte aguardavam na sala a chegada das duas meninas; e, entre lagrimas e beijos, passou-se um d'estes momentos felizes que as palavras não podem reproduzir...

— Vamos levar-te ao teu fiel Barnabé — disse D. Filipa, pegando na mão de Brites Maria.

— Já... — murmurou Duarte, desgostoso.

— E' um dever sagrado, meu filho — respondeu a mãe, gravemente. — E se queres, Duarte — acrescentou sorrindo — vem tambem acompanhar a tua noiva.

Cheios da mais intensa felicidade seguiram n'um côche até casa do algibébe.

Barnabé estava sentado n'uma ampla cadeira de braços; a seus pés Brianda costurava, olhando a miúdo para a porta, na expectativa de ver entrar Brites Maria.

A sr.ª Mafalda tagarellava junto á janella com a tia

Bernarda, que recebera já de Brianda os seis cruzados promettidos.

O côche dos Menezes parou á porta. Brianda correu para o limiar e deu logar a Brites Maria, que entrou sósinha, devagar.

Então deu-se uma scena que encheu de lagrimas todos os olhos!

Barnabé quiz levantar-se; só poude, comtudo, deixar-se cahir de joelhos e, cobrindo de beijos e lagrimas as mãos de Brites Maria, murmurou:

— A minha menina... A minha menina... O meu anjinho bento... A luz da minha alma...

Brites Maria não podia falar; tentou erguer o velho e faltando-lhe as forças para isso, sentou-se n'uma cadeira e chorou baixinho.

D. Filipa, Ignez e Duarte tinham entrado tambem.

— Quando quereis leval-a a vossa ama? — perguntou D. Filipa a Barnabé.

— Se eu tivesse forças, ia já, minha senhora — respondeu Barnabé, levantando-se com esforço.

— Podereis talvez ir amanhã — tornou D. Filipa — o meu creado Diniz acompanhar-vos-ha até Evora.

— Minha Madrinha — disse Brianda — não poderia eu tambem acompanhar a Bitemi?

— Tu, pequena?! — respondeu D. Filipa, admirada.

— Deixae-a ir, minha Mãe — interveiu Ignez. — Lembrae-vos que á Brianda se deve a grande felicidade d'este momento!

— E não deverei eu avisar a minha mãe adoptiva ? — perguntou, timidamente, Brites Maria.

— Tendes bons e nobres corações — respondeu D. Filipa. — Sim, Brites Maria, é a tua mãe adoptiva que deverá levar-te a Evora ; com a nossa Briandinha tambem — acrescentou, virando-se para a sua afilhada.

— Se me deixasseis tambem ir — disse Duarte — pediria eu logo a mão da minha noiva !

D. Filipa não poude deixar de sorrir ; depois disse, gravemente :

— Não, meu filho, não vos compete a vós proceder assim. Alem do quê, Duarte, quereréis ausentar-vos de Lisboa n'este momento ? !

— Não, minha Mãe, não ! Tendes razão — exclamou Duarte, vivamente — E agradeço-vos que me chamasseis á terra...

— Ficae, Duarte, que eu voltarei mais feliz ainda do que vou — disse Brites Maria, estendendo-lhe a mão, carinhosamente.

— Agora vinde, meus filhos — disse D. Filipa — Ide descançar, Barnabé, para que tenhaes forças bastantes para amanhã.

E D. Filipa sahiu com seus filhos e Brites Maria ; deixando Barnabé entregue aos cuidados de Brianda e da sr.ª Mafalda.

# MENSAGEIRA DE VENTURA

O convento onde vivia D. Maria Brites de Castro, a mãe de Brites Maria, era em Evora.

A pobre senhora, vendo-se desesperada e sósinha, recolhera-se ali vinte e dois anos antes; confiando que Barnabé viria trazer-lhe a filha perdida.

De vez em quando Barnabé escrevia-lhe, dando contas das suas pesquizas: estivera no Porto dez anos, em Coimbra cinco, sete em Lisbôa. As cartas do escudeiro eram todas tristes e curtas; terminavam porem, sempre, por uma phrase de esperança:

— Deus não quererá abandonar-nos, minha pobre ama; e espero, dentro em pouco, levar a minha menina a vossos braços.

D. Maria Brites vivia só d'esta esperança.

Quasi por uma mania de demente, fazia á irmã Maria dos Anjos a pergunta diaria:

— O Barnabé já trouxe a menina?

As irmãs tratavam-na com carinho e tinham muito dó da sua desventura.

Não acreditavam, porem, na possibilidade de responder um dia affirmativamente á sua pergunta; e consideravam-n'a como tendo uma especie de loucura mansa e inoffensiva.

Dois dias depois da visita de Brites Maria ao velho escudeiro, chegavam a Evora duas seges: n'uma vinha a sr.ª Eufemia com Brites Maria, n'outra Barnabé e Diniz com Brianda.

Pararam as seges á porta do convento; e Diniz tocou com força a sineta da portaria.

A irmã porteira accorreu a receber os visitantes.

— Que desejaes? — perguntou ella á sr.ª Eufemia que avançava ao lado das duas raparigas, amparando Brites Maria, meio desfallecida.

Diniz interveiu:

— Queriamos vêr a senhora Dona Maria Brites de Castro.

A irmã admirou-se e disse:

— Mas olhae que essa senhora é fraca e doente; nunca recebe visita alguma!

— Dizei-lhe... — interrompeu Barnabé com voz tremula — dizei-lhe.... que o Barnabé... já...

— Já trouxe a menina?! — exclamou a irmã assombrada, olhando para Brites Maria, que quasi desmaiára!

— Correi a avisar a pobre senhora...—pediu Diniz, emquanto Brianda observou timidamente á freira:

— Não poderia eu acompanhar-vos, minha irmã? Não poderia ir eu mesma levar a boa nova á mãe da minha amiga?

— Tem cuidado, Briandinha — avisou a sr.ª Eufemia — olha que a alegria tambem pode matar!...

A freira estava indecisa e não ousava introduzir Brianda sem licença da madre abbadessa.

— Esperae um instante — disse ella — que eu vou falar á nossa madre.

ouco se demorou, voltando acompanhada da abbadessa e de grande numero de freiras, já sabedoras da extraordinaria nova.

— Vinde — disse a abbadessa, dirijindo-se á sr.ª Eufemia — e trazei as duas meninas. Vós dois — acrescentou, dirijindo-se a Barnabé e a Diniz — esperae um bocadinho n'esta portaria, pois homens não odem entrar no mosteiro.

Seguiu o cortejo de mulheres até á cella de D. Maria Brites.

Brianda bateu levemente á porta e, não ouvindo resposta, entrou na cella, devagarinho.

— Sois vós, minha irmã? — disse uma voz fraca.

Brianda percorreu com a vista a estreita cella e distinguiu, n'aquella meia luz da tarde, uma figura de extrema magreza, ajoelhada ante um oratorio.

— Minha senhora... — começou Brianda, trémula de commoção.

D. Maria Brites voltou-se e olhou-a com espanto.

— Que me quereis, menina? Enganaes-vos, por certo — Depois, fixando-a com attenção — Que edade tendes? A edade da minha, talvez...

— Minha senhora... — repetiu Brianda, venho da parte do Barnabé...

— Morreu? Pobre velho... Tão fiel e bom... Nunca me trouxe a minha filha...

— Elle está lá em baixo da portaria; não morreu...

— Então — gritou D. Maria Brites, levantando-se, como louca — se elle está lá em baixo, é porque trouxe a creança! a minha filha, que é d'ella? Sabeis onde ella está? — e a pobre mãe agarrava febrilmente Brianda.

— Sei! sei! Vossa filha é a minha mais querida amiga! vive ha vinte e dois annos perto de nós, anciando, coitadinha, por este dia! — e Brianda, n'uma excitação crescente, levantava a voz.

N'esse momento, a porta abriu-se com força e Brites Maria lançou-se nos braços da Mãe.

A sr.ª Eufemia abraçára-se a Brianda a chorar, e as freiras rezavam baixinho.

— Minha Mãe! minha Mãesinha! — murmurava Brites Maria, que a mãe não podia largar.

— Minha filha, minha pequenina! Como és linda! Como és formosa!...

— Não esqueçamos o pobre Barnabé, minha Mãesinha — disse Brites Maria — se soubesseis quanto elle tem soffrido e chorado...

— Quero ir vêr esse santo homem — disse a mãe — quero agradecer-lhe o cumprimento da sua promessa, de que só Deus poderá recompensal-o!

— Agora deixae que vos mostre quem me serviu de mãe — e Brites Maria pegou na mão da sr.ª Eufe-

mia — Amou-me ternamente, minha Mãe, educou-me como uma princeza, fez com que não possaes hoje envergonhar-vos de vossa filha!

D. Maria Brites abraçou a sr.ª Eufemia, que chorava copiosamente.

— E a tua amiguinha, a mensageira de ventura? Como vos chamaes, minha filha? — perguntou D. Maria Brites, puxando Brianda a si, n'um gesto maternal.

— E' a filha de mestre Fernão, minha Mãe, a querida Brianda do meu coração, a quem mais se deve a felicidade do dia de hoje!

Que felizes se sentiam todos...

D. Maria Brites parecia transformada.

Vinte e dois anos esperara aquelle dia, sem um desfallecimento da sua confiança na Providencia!

As forças, que durante esses longos annos de espera pareciam diminuir dia a dia, receiando as freiras um desenlace fatal, renasciam-lhe milagrosamente; e os seus olhos, que tantas lagrimas tinham enfraquecido, não se despegavam agora de Brites Maria, enlevados no encanto da sua formosura.

As freiras retiraram-se discretamente.

— Queres tu, Bitemí — disse Brianda — que eu vá com a sr.ª Eufemia contar tudo ao bom Barnabé, e preparal-o para a visita de sua ama?

— E's sempre bôa, querida Brianda — respondeu Brites Maria — que dizeis a isso, minha Mãesinha?

— Vamos ambas falar-lhe á portaria, minha Bri-

tes; é o dever mais sagrado que temos n'este momento.

Dirijiram-se á portaria, onde Diniz e Barnabé esperavam.

Quando Barnabé viu avançar D. Maria Brites, que elle deixára nova, e que hoje revia de cabellos brancos e tez de marfim, soltou um grito de dôr.

— Ai, a minha ama... Como estaes acabadinha, minha senhora!

Quiz levantar-se; mas as suas forças tinham diminuido tanto nos ultimos dias, que o não conseguiu.

D. Maria Brites pegou-lhe nas mãos e disse-lhe simplesmente, emquanto doces lagrimas lhe cobriam as faces emagrecidas:

— Barnabé, foste um fiel escudeiro! Cumpriste sempre o teu dever; e eu agradeço-te, com todo o meu coração de mãe, a ventura que n'este dia me trouxeste!

Curvando-se sobre o velho, D. Maria Brites beijou-o na testa; e Brites Maria, imitando a mãe, abraçou-o com o respeito com que abraçaria um avô querido.

Barnabé não respondia; só tinha forças para chorar. Lagrimas doces, porém, lagrimas da maior alegria que jámais sentira durante toda a sua longa vida de dedicação...

— Briandinha — murmurou a sr.ª Eufemia ao ouvido de Brianda. — Quando devêmos partir para Lisbôa? E' mistér que eu lá esteja sexta ou sabbado o mais tardar; e lembrae-vos que é hoje quarta-feira!

— Agora vamos nós para a hospedaria, sr.ª Eufemia, e deixemos a Bitemí sósinha com a sua mãe; não vos parece? Depois combinaremos a partida com o sr. Diniz.

— E o Barnabé? — perguntou a sr.ª Eufemia.

— Não quererá deixar as amas, coitadinho. Vou pedir á madre abbadessa licença para o abrigar aqui, no quarto do jardineiro — e Brianda encaminhou-se para o claustro, á procura da madre abbadessa.

D. Maria Brites parecia ter recuperado instantaneamente a sua actividade antiga, o senso claro que sempre a caracterisára antes da desgraça de que fôra victima.

Disse, pois, a Brites Maria:

— Agora, minha filha, iremos despedir-nos das santas freiras que nunca me faltaram com os seus carinhos e attenções.

— Despedir-nos, minha Mãe?! — murmurou Brites Maria.

— Pois porque não, filhinha? Não temos nós d'ir para casa, para a nossa casa?

— Para a nossa casa... — balbuciou Brites Maria.

— E levaremos comnosco o bom Barnabé — continuou a mãe. — Esta noite ainda aqui dormimos; mas amanhã pela manhãsinha, virá um coche buscar-nos e levar-te-hei, emfim, para o nosso lar, minha Brites pequenina!

Brites Maria estava radiante de felicidade.

Quando Brianda voltou, trazendo a licença da ab-

badessa para que Barnabé ficasse aquella noite no quarto do hortelão, despediu-se da mãe e da filha e retirou-se com a sr.ª Eufemia e Diniz, dirigindo-se todos tres á hospedaria dos *Tres reis Magos*, onde deviam pernoitar.

# ALEGRE ALVORADA

Brites Maria passou a noite quasi toda a contar á mãe a vida que levára longe d'ella.

Contou-lhe a afeição d'Ignez; e, como deixar de abrir o seu coração namorado? descreveu tambem o seu amor por Duarte.

D. Maria Brites commoveu-se.

Iria perdêl-a tão cêdo?

— Vaes fugir-me outra vez! — exclamou, aterrada, abraçando a filha com paixão.

— Não, não, Mãe querida! — respondeu Brites Maria — Solteira ou casada, nunca mais vos deixarei!

Quando, na manhã seguinte, chegou o côche que devia leval-as, com Barnabé, para a sua casa, esperavam-n'as, á porta, Brianda e a sr.ª Eufemia.

— Adeus, Bitemí, adeus! — disse Brianda, abraçando a sua amiga com ternura — Até quando?... — acrescentou baixinho.

— Minha Brianda, até breve! Até ao dia em que...

o meu noivo nos venha buscar! — respondeu Brites Maria, e o seu olhar era cheio d'alegres esperanças.

— Minha senhora... — balbuciou Brianda, vendo a mãe de Brites Maria passar-lhe ao pescoço um cordão de ouro, do qual pendia um rico medalhão de ouro e esmalte.

— Tem dentro um dos negros caracoes de que falava o tio Manuel! — exclamou Brites Maria, rindo alegremente.

Brianda córou de prazer, beijando a boa senhora.

Separaram-se, emfim, sem lagrimas, nem tristeza.

Só quando o velho Barnabé se despediu é que Brianda não poude impedir que se orvalhassem os seus doces olhos castanhos.

O velho pegou-lhe na mão e disse, commovido:

— Nunca mais vos verei, moçinha... Breves dias terei de vida; mas até ao meu ultimo dia eu vos abençoarei pelo bem que me fizestes ..

O côche partiu.

Brianda e a sr.ª Eufemia voltaram para a hospedaria, onde Diniz as esperava para seguirem a caminho de Lisboa.

Eram perto de oito horas e meia da manhã de sabbado, 1 de Dezembro, e estava um d'estes dias d'inverno portuguez como não se encontram em parte alguma do mundo, quando, depois de atravessarem o Tejo num barco de vela, desembarcavam os tres no Terreiro do Paço.

— Não vos parece, menina Brianda — observou Diniz, vendo varios grupos d'ociosos, parados, aqui e

acolá, no grande largo — que anda agitação por aqui? Tantos homens ao cavaco...

— Crédo — suspirou a sr.ª Eufemia assustada — Deus nos livre d'alguma arruáça ou coisa que o valha!

— Que haverá, sr. Diniz? — disse Brianda. — Tantos côches dirigindo se para o paço! Vêde aquellas liteiras, além: todas de cortinas corridas! Porque estarão ali paradas?

— Não se me dava, já agora — tornou Diniz — esperar aqui um pedaço, para ver quem sahia dos côches e das liteiras.

Sim, sim, sr. Diniz! — concordou Brianda.

Mas a sr.ª Eufemia indignou-se:

— Ora, ora! E se ha barulhos? Que fazem mulheres pela rua, não me direis?

— Mas, olhae, sr.ª Eufemia — interpoz Diniz — se estão para haver barulhos, como dizeis, já não temos talvez tempo de chegar a casa antes que rebentem! e melhor será postar-nos além, n'aquelle canto da praça, onde tudo se vê sem perigo algum.

Vamos, vamos, sr.ª Eufemia — pediu Brianda, lembrando-se que chegára talvez o momento que seu pae annunciára, em que os portuguezes poderiam emfim soltar o grito da liberdade... Subitamente, recordou a figura de João Pinto Ribeiro; pareceu-lhe ouvir a sua voz clara, exclamando: *sabbado!*

A sr.ª Eufemia, morta de medo, cedeu.

— Sr. Diniz — gritou Brianda, excitada — olhae que os côches tambem teem as cortinas corridas;

porque será? Quem virá n'elles? Que haverá, meu Deus?!...

Um homem, ali perto, respondeu com ar entendido:

— Aquillo são os côches das damas espanholas que veem acompanhar a duqueza de Mantua á missa

N'este momento, porém, o relogio da torre da capella Real deu as nove horas; e, como se esperassem este signal, mãos vigorosas abriram as portinholas dos côches, das liteiras, e de dentro sahiram homens armados, envoltos em largas capas.

Entraram precipitadamente no paço.

— Sr. Diniz, sr. Diniz — exclamou Brianda — entraram todos no paço! E quem será aquelle velho de barbas brancas, que corre á frente dos fidalgos?

— Estou a conhecêl-o, santo nome de Deus! — respondeu o escudeiro. — Aquelle é o senhor D. Miguel d'Almeida, que tem oitenta annos já feitos!

— Que se passará no Paço! — exclamou Brianda.

— Que irá succeder? — observou o homem ao lado d'elles.

— Olhae, olhae — gritou Diniz — abriu-se uma janella em cima!

— Assoma a ella D. Miguel d'Almeida... — tornou Brianda.

Ouviu-se, então, singularmente forte para um homem d'aquella edade, a voz do veneravel fidalgo gritar, com enthusiasmo:

— Liberdade! Liberdade! Viva El-rei D. João IV!

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou Brianda,

chorando de alegria — Estará livre a nossa Patria?! Oh meu Deus, tomae-a á Vossa conta!

— Estão lá por certo os meus amos — disse Diniz — e eu sem nada saber!

— Para Hespanha tornem os hespanhoes! — grihusiasmado.

A sr.ª Eufemia rezava baixinho, cheia de pavor.

Passou-se um bocado.

E eis que outra janella se abre...

Diniz e Brianda correm para mais perto, n'uma ancia de ver e ouvir.

Uma coisa é violentamente arremessada da janella para a rua; e logo uma turba se precipita com selvagem alegria: era o cadaver de Miguel de Vasconcellos! Brianda recuou horrorizada...

Estavam em festa as ruas. Bandos de homens clamavam vivas á liberdade da Patria; e Brianda, dominada por um louco enthusiasmo, sentia desejos de se juntar a elles, de soltar, tambem, aquelle grito de alma, que lhe dava uma alegria tão intensa!

— E meu Pae, como deve estar feliz! — pensou ella, de repente. — Sr. Diniz, mettamo-nos a caminho, sim?

Agora sentia uma enorme impaciencia de chegar a casa, de abraçar os paes, de se regosijar com elles d'aquella alegre alvorada, esperada pelos portuguezes havia sessenta annos...

— Esperae, esperae... — supplicou a sr.ª Eufemia, alvoroçada — podemos encontrar-nos com aquelles bandos...

— E que tem isso? — respondeu Brianda — Não vêdes que são dos nossos? Que são os que nos livram dos hespanhoes? Os que aclamaram o rei portuguez?

Parecia que um vento de loucura soprava na cidade.

Manhã radiosa, aquella! Manhã de doida alegria, em que um punhado de patriotas sinceros quebraram, para sempre, a cadeia que aprisionava o torrão sagrado de Portugal!

Manhã de nunca esquecida gloria para as almas portuguezas...

Abraçavam-se as pessôas na rua, chorando de alegria; e passavam homens, aos bandos, clamando vivas á Restauração!

— Vamos! — exclamou Diniz.

— Vamos! — gritou Brianda.

A sr.ª Eufemia estava aterrada; percebendo apenas, d'aquillo tudo, que havia as taes arruaças que ella tanto temia.

Agora passavam grupos de conjurados correndo, com louco enthusiasmo, para o castello, onde estava ainda a guarda castelhana; outros iam embarcar nos galeões hespanhoes, ancorados no Tejo; ainda outros dirijiam-se á *Casa da Supplicação*, onde os juizes, desde esse momento, passaram a lavrar os autos em nome de *D. João IV, rei de Portugal*.

Diniz e Brianda metteram-se a caminho com precipitação, arrasíando atraz de si a apavorada mulher d'Antonio Joaquim.

— Aonde imos primeiro, menina Brianda? A casa de meus amos ou a casa de vossos paes? — perguntou Diniz, parando.

— Correi vós junto de vossas amas, que por certo aguardam anciosas as novas d'estes lances — respondeu Brianda — eu sigo com a sr.ª Eufemia para casa de meus paes.

— Não nos deixeis, por Deus! — gemeu a sr.ª Eufemia.

— Eu vos defenderei, se fôr preciso! — disse Brianda a rir — Vamos, sr.ª Eufemia, vamos levar estas alegres novas a minha Mãe, que meu Pae por certo anda pelas ruas!

A sr.ª Eufemia, rezando, tremendo, suspirando, lá ia atraz de Brianda; emquanto Diniz seguiu, apressado, para Alfama.

Quanta alegria enchia a alma patriota de Brianda!

Andava com tal ligeireza que a sr.ª Eufemia agarrava-lhe por vezes o braço e dizia, offegante:

— Credo, Briandinha, parece que a arruaça vos deu azas para voar!

Passavam por grupos de homens, que commentavam os factos da manhã n'um contentamento profundo; custando-lhes a crer, ver realisado, emfim, o sonho de tantos annos...

Brianda sorria, então; e quando algum d'esses grupos dava vivas á liberdade, juntava baixinho a sua voz ao côro, e, com toda a intensidade do seu sentir, murmurava:

— Viva! viva a nossa querida Patria livre!

Chegaram a casa de mestre Fernão; e, como iam a entrar, surgia pelo outro lado o algibébe.

— Brianda! — gritou elle, louco de alegria.

— Meu Pae! — exclamou Brianda, abraçando-se a elle.

Nada mais disseram; mas os seus corações comprehendiam-se tão bem, que ambos choravam, cheios de felicidade ..

# BÔDAS FELIZES

Dois mezes se tinham passado.

Por todo Portugal reinava, agora, uma paz profunda e completa.

Enfraquecidos pelas luctas, empobrecidos pelos impostos, os portuguezes, comtudo, levantavam nobremente a cabeça, sob o impulso sagrado da liberdade readquirida.

O velho Barnabé morrera no proprio dia em que lhe chegára a noticia da Restauração; e a sua morte fôra tão serena, tão feliz, que todos sentiram, ao vêl-o adormecer para sempre, uma grande impressão de tranquillidade. As suas ultimas palavras foram:

«Voltou o reino do Encoberto... Achei a nossa menina. A Patria está livre». Nada mais disse; e morreu, umas horas depois, sem agonia, como uma lampada que se apagou.

D. Maria Brites e a filha estavam agora em Lisbôa, hospedadas em casa de seu primo, D. Joaquim da Cunha.

O casamento de Duarte e Brites Maria devia realizar-se ainda em Fevereiro; e, logo a seguir, o de Brianda com Gil, que se tomára de grande paixão pela gentil filha de mestre Fernão.

Ignez não queria casar; ás repetidas instancias de seu primo Antonio de Brito, que a requestava, respondia serenamente, sem amargura:

— O meu coração morreu para o amor, é como uma flor murcha... Só é capaz d'amizade fraternal, e essa douvol-a de bom grado, Antoninho!

Elle tentou insistir, pois dedicava sincero affecto a sua prima:

— O amor virá depois da amizade, prima Ignez; sêde minha esposa e tudo farei para vos dar alegria!

Mas Ignez não cedeu.

Vivia muito para os outros e sentia-se feliz.

Agora occupava-se, sobretudo, dos preparativos para as bodas de Duarte e Brites Maria, que ella desejava sumptuosas e alegres; tudo lhe parecia pouco, para celebrar a ventura dos noivos!

Mestre Fernão regosijava-se de vêr a sua Brianda tão estimada pelo escudeiro de D. Duarte; mas á ideia de que teria de viver sem ella, sentia-se profundamente entristecido.

A sr.ª Mafalda não pensava como elle, e dizia por vezes:

— Oh homem de Deus, pois tu não sabes que quem diz casamento diz apartamento? Lá está nas Escrituras: «por este deixarás pae e mãe».

— Pois não digo menos d'isso — resmungou o algibébe — mas não é p'lo que dizem as Escrituras que eu tenho menos saudades d'ella.

Um dia, Brianda correu contente ao pé do pae.

— Já sei o que iremos fazer, o Gil e eu, para vos não deixar, meu Pae.

— Que é, moça? — perguntou o pae, sorrindo.

— Desencantámos uma casa, mesmo ao fim da rua dos Algibébes, que tem loja e andar: vós morareis na loja com a minha Mãe e nós iremos para o andar de cima!

Mestre Fernão ficou encantado com a ideia e alugou-se a casa da rua dos Algibébes.

. . . . . .

Brites Maria e Duarte tinham casado já e habitavam com D. Maria Brites uma bonita casa perto do pateo de D. Fradique.

Estavam uma manhã almoçando quando lhes pareceu ouvir na rua o som plangente d'uma guitarra...

A principio não prestaram attenção; porem, tanto se prolongou a musica, que Duarte chegou á janella e viu um cego, sósinho, tangendo as cordas, monotonamente.

— Dá-lhe uma moeda, Duarte — disse Brites Maria, chegando á janella tambem.

— Já lh'a atirei, e elle não se vae! — respondeu Duarte.

Mas o cego, apenas percebeu que ambos estavam na janella, começou uma longa cantiga...

E os conjuges, a principio espantados, depois commovidos, escutaram :

***A donzelinha formosa***

Que formoza ðonzellinha
Em seu jarðim passeiandðo...
Veiu o ðemonio malvaðo
Leva a menina chorandðo.

Pobres ðos paes ða creança
Tão mimosos ða filhinha
Pobre ðo velho escuðeiro
Pobre ða triste avesinha.

Pelas ruas ða ciðaðe
Anða o velho a procurar
A ðonzellinha formosa
Levaða um ðia a chorar.

Passam mezes, passam annos,
Passa-se a noite e o ðia
P'ró escuðeiro venerandðo
Foi-se p'ra sempre a alegria...

Mas o anjo ðo Senhor
Viu as lagrimas ða mãe;
Desceu á terra voandðo
Qual mensageiro ðo bem

Levou o triste ceguinho
Aonðe a historia escutasse,
Levou-o á Briandðinha
Para que os versos cantasse.

«Ouvi ouvi o milagre»
Grita ao cégo a Briandinha
«E' achada essa creança
A formosa donzellinha!»

A' mãe a foram levar
Que chorando a recebeu:
Não sabe a bôa senhora
Como agradecer ao Ceu!

A donzellinha formosa
Encontrou o seu amor;
E' hoje esposa feliz
Vivam na paz do Senhor!

Quando o cego chegou ao fim, sentiu-se, de repente, agarrado por mãos de mulher e puxado para dentro de casa; ahi ouviu a voz suave de Brianda que lhe dizia:

— Bom tio Manuel, que linda ideia tivestes d'aqui vir cantar aos noivos: e logo hoje, que cá me encontrastes tambem!

— Comei e bebei, tio Manuel — exclamou Brites Maria, a *formosa donzellinha.*

— A' nossa saude, vêde bem! — concluiu alegremente Duarte, mettendo na mão do cego, radiante, uma moeda d'oiro.

. . . . . .

Uma grande paz espalhara-se pelo Paiz; com o dia 1 de Dezembro de 1640 entrára, emfim, a felicidade em Portugal...

---

# INDICE


| | |
|---|---|
| Uma visita nocturna | 5 |
| Planos | 11 |
| Brianda | 19 |
| Brites Maria | 33 |
| Novas de longe | 43 |
| Duarte e Ignez | 51 |
| O velho escudeiro | 57 |
| Conversas de amigos | 65 |
| A memoria de Brites Maria | 73 |
| Brianda põe-se em campo | 83 |
| Inesperada carta | 91 |
| A tia Bernarda | 97 |
| Corações vibrantes | 107 |
| A triste donzellinha | 117 |
| Mensageira de ventura | 125 |
| Alegre alvorada | 133 |
| Bodas felizes | 141 |

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO NA IMPRENSA
DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS,
57 A 61, AOS 13 DE JUNHO
DE 1922

## DA AUCTORA:

*A Historia de Jesus contada ás creanças.*

*Portugal para os pequeninos* (Os Grandes Portuguêzes).

*Quatro raparigas* (adaptação).

*Alguns annos depois* (continuação de *Quatro raparigas*).

*Brianda* (Bibliotheca Branca).

*Aventuras de Zé Pitosga* (Bibliotheca Branca).

NO PRÉLO:

*O collegio da Ameixoeira* (adaptação).

EM PREPARAÇÃO:

*Alvoradas* (Bibliotheca Branca).